

[CONTOS E
CRÔNICAS]

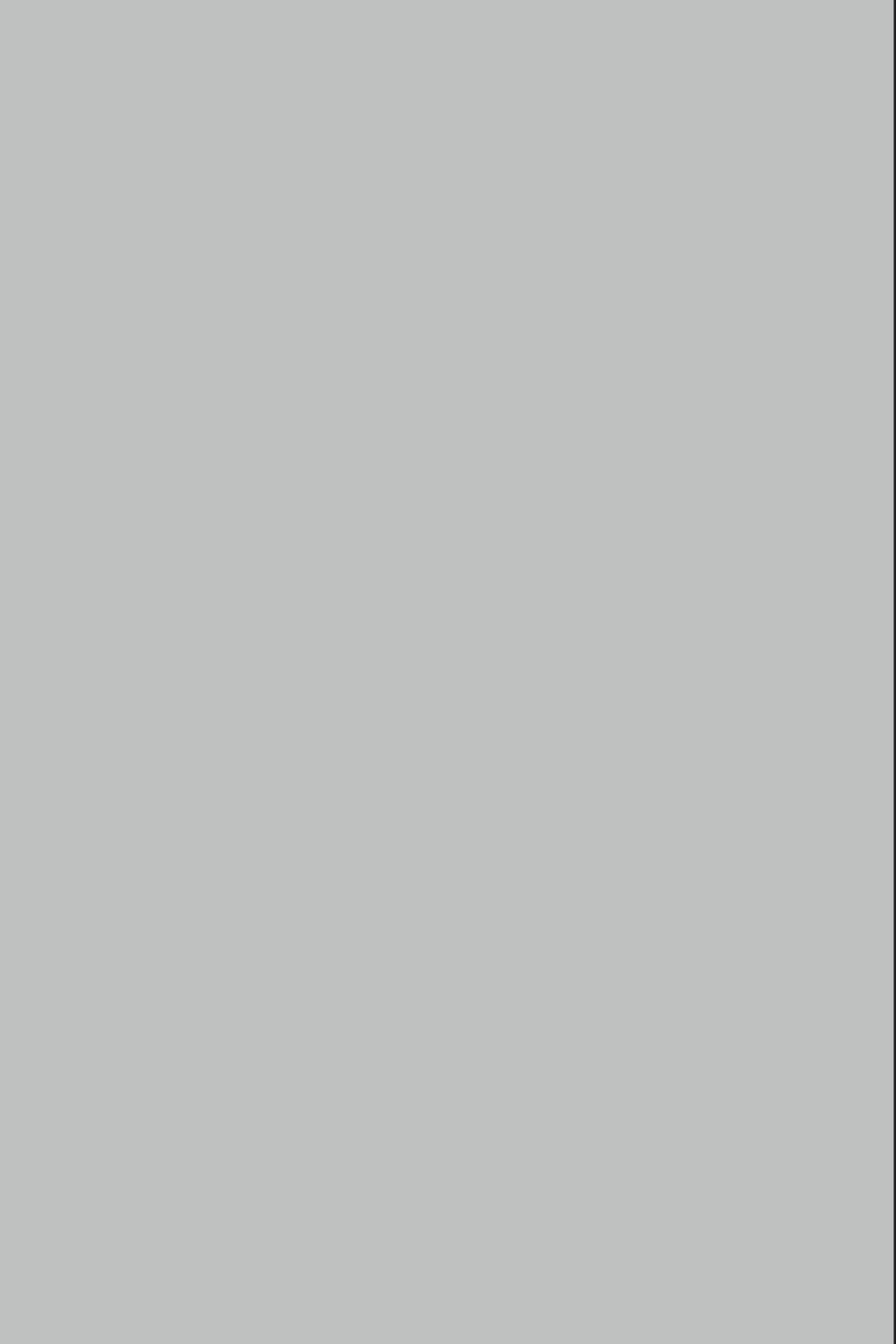
NO CORAÇÃO ONDE ME ESCONDO

Marco Aurélio de Souza

[] [] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**





MARCO AURÉLIO DE SOUZA

NO CORAÇÃO ONDE ME ESCONDO



FAZENDA RIO GRANDE - 2025



COPYRIGHT © 2025 BY MARCO AURÉLIO DE SOUZA

Título: **NO CORAÇÃO ONDE ME ESCONDO**

Linha literária: **COLETÂNEA DE CONTOS E CRÔNICAS**

Rodrigo Guedes

Design de capa

Tâni Falabello e Paula Vendramini

Revisão

Lhaisa Andria

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Marco Aurélio de

No coração onde me escondo / Marco Aurélio de Souza. -- Fazenda Rio Grande, PR : Lumus Editora, 2025.

ISBN 978-65-85802-29-1

1. Crônicas brasileiras I. Título.

25-254286

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

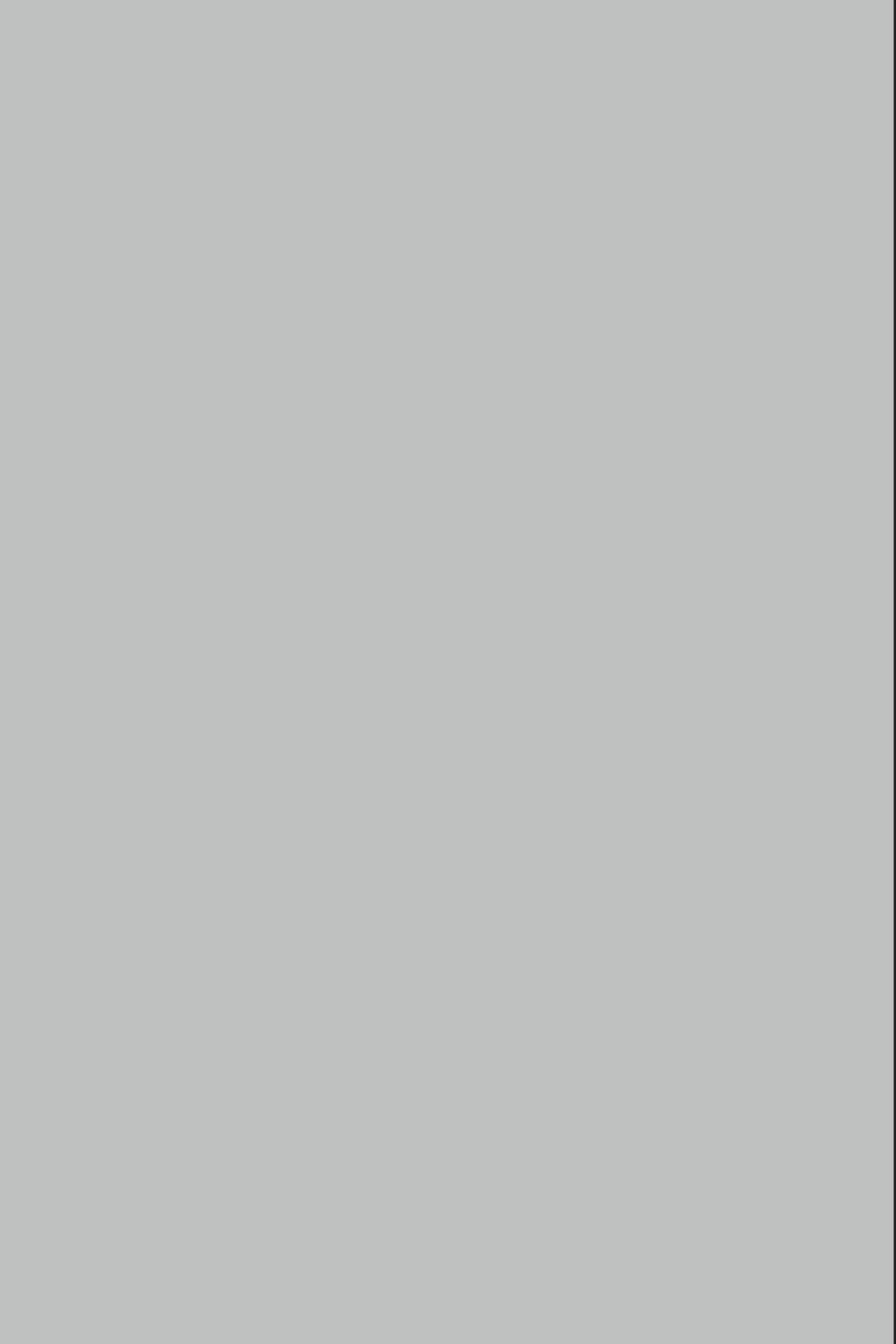


www.lumuseditora.com.br



Acesse a versão digital da obra





SUMÁRIO

<u>Um homem aos 30</u>	<u>9</u>
<u>Não verás ipê nenhum</u>	<u>12</u>
<u>Aqueles olhos de areia</u>	<u>14</u>
<u>Domingo na Paulista</u>	<u>16</u>
<u>Natureza morta</u>	<u>18</u>
<u>O segredo</u>	<u>20</u>
<u>No estacionamento da loja de sapatos</u>	<u>22</u>
<u>O guache das manhãs</u>	<u>24</u>
<u>Indecisão</u>	<u>26</u>
<u>O retrato de Wilhem</u>	<u>28</u>
<u>Ocaso dentro de mim</u>	<u>30</u>
<u>Elogio das muretas</u>	<u>32</u>
<u>Obituário</u>	<u>34</u>
<u>E ela sangra</u>	<u>36</u>
<u>Doença crônica</u>	<u>39</u>
<u>Como e por que me tornei professor</u>	<u>42</u>
<u>Teste de fidelidade</u>	<u>47</u>
<u>Neste disco em que viajo</u>	<u>49</u>
<u>Literatura marginal</u>	<u>52</u>
<u>O mistério do caderninho preto</u>	<u>54</u>
<u>Menino lobo</u>	<u>60</u>
<u>Um manual para fazê-la chorar</u>	<u>65</u>
<u>Vou procurar a minha turma</u>	<u>68</u>
<u>O olho roxo do Didi</u>	<u>72</u>
<u>Más companhias</u>	<u>76</u>
<u>Aquela noite em que tocamos no Armazém</u>	<u>81</u>
<u>Guerra santa</u>	<u>84</u>
<u>Ópera japonesa</u>	<u>87</u>
<u>Agora rio com você</u>	<u>91</u>
<u>Quem sou eu</u>	<u>95</u>

NATUREZA MORTA

UM HOMEM AOS TRINTA

Não dá pra dizer que um homem está velho aos 30 anos, muito embora nesta idade ele já sinta o ferrão do tempo o chamando para uma dança no além. Um homem aos 30 não pensa na morte, mas sente pontadas pelo corpo regularmente e sua consciência pesa quando saem os exames de sangue e urina. Fisiologicamente, até, um homem aos 30 não está mais permitido à ingenuidade, ainda que se torne cada vez mais irresistível sua atração por jogos de tabuleiro e canções da juventude. Um homem aos 30 vai à zona e chora para as putas – doa esmolas aos mendigos, mas não consegue dormir em paz.

Aos 30 anos, um homem está permitido a sentir delírios mínimos e prazeres excêntricos ao arear uma panela ou podar os galhos de uma planta seca e refletir sobre a monotonia dos dias e a constância intolerável de sua caminhada rumo ao abismo. Aos 30 anos, um homem não é um homem se não flertou com algum vício e, a esta altura, o vício deve lhe parecer a um só tempo uma virtude e uma doença – sua fraqueza, mas também sua salvação. Um homem aos 30 pode enfim bocejar diante de um filme de terror ou de uma banda de *heavy metal*, desde que desdenhe das motivações que poderiam lhe manter acordado. Um homem aos 30 já não pergunta tanto os porquês, mas sim para quê. E já está permitido a suspirar pela ausência de sentido. E, suspirando pela ausência de sentido, pode se dar ao luxo de ser um pouco taxativo e dizer: isso tudo é um engano terrível, é uma grande besteira – já não suporto a falsidade das noites à meia luz; por favor, me deixem dormir, por favor, me deixem em paz.

A um homem de 30 já é permitido encontrar beleza naquilo que sempre lhe parecera raso ou fútil. Se tiver filhos, já pode chorar com as letras de Renato Russo ou inventar coreografias novas para os hits do Balão Mágico. Mas se com esta

idade o homem já tiver filhos – eis o mistério da fé –, então o homem já não terá 30, mas 50, pois suas noites serão sempre desiguais e seu senso de praticidade será um fato incontornável, que se renova toda manhã.

Um homem aos 30 pode até ser um animal acuado, mas sua ferocidade explodirá como uma bomba de hidrogênio se lhe mexerem nas feridas mais irrelevantes. Por isso, é muito importante que um homem aos 30 já tenha chorado em público; do contrário, deve comprar uma caixa de ferramentas e trocar a resistência do chuveiro.

Aos 30 anos, um homem passará vergonha se lhe flagrarem sendo apenas um menino – a menos que os detetives façam parte de um esquadrão de crianças brincando sobre o quintal das suas derrotas.

Um homem aos 30 está cansado de fingir que é um homem. Um homem aos 30 está cansado de beber e, no entanto, já não sabe mais como cancelar seu suicídio parcelado. Um homem aos 30 está cansado do sexo. Está cansado das armadilhas da felicidade. Está cansado das estrelas que brilham em seus poemas juvenis. Está cansado de estar cansado e tem vergonha de expor suas olheiras para as jovens bonitas que lhe sorriem da esquina (será pra mim esse sorriso?).

Um homem aos 30 já não está jovem, mesmo que ainda sinta o fulgor da existência lhe consumindo o brilho dos olhos. Um homem aos 30 – esse pingente, esse burocrata, esse palhaço – pode se tornar um piá chorão ao encontrar uma borboleta morta entre os brinquedos de sua filha. Ao mesmo tempo, já está velho, muito velho, para romper o véu das ilusões que o sustentam como o herói de uma história que, embora seja sua, também já se tornou demasiado alheia. E deve se mostrar grave ou duro quando seu filho lhe fizer perguntas tão óbvias como “por que não temos um cachorro?” ou “pai, quem foi que matou o Cristo?”.

Um homem aos 30 está permitido à descrença, mas será perdoado caso encontre o caminho de uma igreja. E pode roer

as unhas à espera de um milagre que o faça crer na eternidade outra vez. Um homem aos 30 deve engraxar as botinas e respirar fundo ao ver a dimensão do horizonte, pois embora velho para insolações, ainda está jovem demais para dar de ombros na madrugada: jovem demais para cancelar o sol do meio-dia, jovem demais para baixar os olhos e aceitar o fato de que, sim, isso é tudo, meu irmão – um dia desses, eu, você e todo o mundo, num dia desses todos nós iremos morrer.

NÃO VERÁS IPÊ NENHUM

Em frente à casa do meu vizinho, até ontem havia um ipê que floria amarelo e frondoso no primeiro despontar da primavera. Eu me perguntava há quantas décadas ele vivia ali, naquela calçada estreita e irregular, e inventava suas festas de aniversário. Desde que me mudei para o bairro, caminhei à sua sombra quase religiosamente. Isso, friso, até ontem, quando o vizinho resolveu cortar o seu tronco pelo meio, deixando ainda – para provar a sua loucura – as entranhas da árvore expostas aos motoristas que passam apressados e aos pedestres que, também com pressa, desviam do grande toco, quase sempre com olhar indiferente.

Estou tentando entender o que levou o meu vizinho a matar o seu ipê. Assim como, em vão e todos os dias, tento entender o que leva a cidade em que vivo a cortar as poucas árvores que, sufocadas pela contaminação atmosférica do planalto, resistem ao concreto armado de nossa modernidade com ares de anacrônica novidade; estamos caminhando para o progresso de um século e meio atrás. Talvez a sensação de poder derivada do gesto de segurar firme numa motosserra, ou o êxtase do ouvido no tilintar do serrote roendo a madeira viva, feito um fetiche assassino e sem sentido. Quem sabe não seja prova de insensibilidade, mas uma necessidade estranha, feito a de vampiros vegetarianos que, escondidos na calada da noite, sugam seivas em praças e passeios dessa metrópole de cavalos e bois. Talvez eu nunca encontre uma explicação. A insanidade, por princípio, tem parentesco com o inexplicável.

Digo que amei aquele ipê. No verão, quando o sol me torrava o crânio, demorava o passo debaixo da sua copa. No outono, quando eu ficava triste, minhas flores e folhas caíam aos seus pés e chorávamos juntos, como um casal de namorados que se perde um do outro após fazer amor. No fim do inverno, quando a árvore, qual uma explosão cósmica, exibia-se à vista de minha

janela, eu dizia que o sol estava nascendo do lado errado. Mas não existia erro nenhum no brotar de asas daquele anjo com raízes. Mesmo quando as pedras da calçada se soltavam pela pujança do seu crescimento, não existia equívoco: o mundo é que devia se moldar à sua volta. Engano meu, contudo, pois certas pessoas estão sempre mirando o vazio, como se motivadas unicamente pelo objetivo de destituir o espetáculo da criação.

Neste instante, o anti-jardineiro retira o tronco que jazia fincado em mais um dos lugares por onde não poderei mais passar. O homem fechará sua calçada com concreto, encaixando pedras umas nas outras, mas o buraco ficará eternamente ali. Ele queria deixar a frente de sua casa mais bonita. Quem conheceu o seu antigo ipê sabe que a tentativa só poderá quedar num retumbante fracasso, e que a casa jamais conquistará alguma beleza outra vez. Que será triste, que se apagará, exalando para sempre seus sentimentos de morte e ausência. E que depois de concretar o passeio, para suportar a dor da existência, o vizinho precisará rebocar todos os buracos por onde respira, cimentando o encanto do mundo até que não sobre mais que uma nuvem de poeira grossa e cancerígena.

Queria falar com ele, contar o quanto lamento pelo óbito do ipê. Não consigo. E tenho raiva e tenho tristeza e tenho pena do meu vizinho que se esconde por trás das cortinas de sua sala de estar com medo de experimentar a vida do lado de cá. O homem esperava limpar a sujeira da rua, removendo perpetuamente as folhas que pintavam o asfalto de amarelo no outono, mas acabou sujando a si mesmo – seu corpo violado pelos entulhos e restos da construção. Queria dizer ao homem que quem suja a rua não são as árvores, que já rareiam em nossos espaços de convívio, mas que somos nós, humanos, os miseráveis que, feito imensas lesmas do mal, deixam um rastro de baba e destruição por onde passamos. Inútil dizer, no entanto. Em seu castelo desalmado, o meu vizinho sobrevive assim – acuado pelas garras da estupidez, jamais será capaz de compreender.

AQUELES OLHOS DE AREIA

Estive parado num desses engarrafamentos colossais. Foi no horário de pico, ao fim da tarde, num ônibus intermunicipal que seguia da capital ao interior. Daí que, num dado momento, boiando sobre o marasmo do trajeto, o meu olhar cruzou com outro, do lado de fora do meu veículo, perfurando suas janelas sebosas e indo de arrasto ao rosto de uma mulher quase bonita. E no percurso de cinco ou sete quadras, nossos coletivos seguiram juntos, lado a lado, de modo que pudemos manter fixa a nossa atenção na aridez errante da alma um do outro. Ela parecia triste. Acho que eu também. E os seus olhos eram de areia.

Eram de areia, sim. À revelia da circunstância, porém, reconheci na sua órbita vazia um pouco de mim mesmo, sem saber se ela realmente me via ali, oco como carcaça de cobra-real, e se eu mesmo era capaz de ver alguma coisa além do próprio reflexo no vidro, um intruso que se engasgava com a cumplicidade nascente do momento. Triste, triste, triste. Eu não sentia nada, exceto por essa espécie de comiseração arrogante pelo mundo. Imaginava, apenas, o motivo da melancolia alheia: quem sabe a moça dos olhos de areia estivesse cansada de tudo, desistindo de viver, e a vida continuasse a esmurrá-la, incessante, sem um minuto sequer de tregua e resguardo. Ou seu marido, dominado pelo álcool e tornado truculento pelos anos, já não fosse mais capaz de a fazer feliz. Ou ainda que estivesse sofrendo justamente pela ausência de alguém para chamar de seu, alguém que voltasse todos os dias, naquele horário de sempre, no mesmo velho metropolitano que empoleira corpos feito eles fossem a matéria-prima de um aterro sanitário – o triste destino ao fim de uma rua sem asfalto, num bairro que um dia já foi faxinal, mas hoje é conhecido apenas pela miséria que marca na pele os jovens impregnados de um sonho ruim. A interdição, às vezes, petrifica a nossa alma. E a solidão fende os ossos de quem a habita.

Era difícil ler o outro assim, sem uma pista sequer. Quem sabe a mulher derrubada estivesse com câncer ou outra doença grave, talvez somente exausta, cansada do trabalho e da rotina. E com sono. E com fome. E com frio, pois o inverno prolongava as mágoas. Era impossível saber. Decerto somente a tristeza no olhar, que era como a minha e, por isso, nos encontramos no escuro do congestionamento infernal. E, afinal, de que é que eu mesmo, este homem amuado dentro de um intermunicipal que se arrasta vagaroso pela interminável rodovia, de que é que eu mesmo sofria? Nem sobre o próprio desespero eu conseguia saber da verdade. Ela, por seu turno, mirava o mesmo deserto que eu e talvez ali estivesse o grande amor da minha vida igualmente triste, um desses amores impossíveis que, pela letargia de um ou de ambos, apagou-se natimorto com a paralisia emocional que nos amedrontava da vida enquanto olhávamos um para o outro, inexpressivos, fazendo daquele momento uma breve sangria ou comunhão.

Eu já calculava as possibilidades (certamente remotas) de um miraculoso contato – o mito de origem do amor, essa mentira que conforta. Tinha papel e caneta na mala. Tinha desejo, ou a sua projeção. Eu não queria chegar em casa sozinho novamente. Queria levar uma emoção, ainda que pálida. Eu calculava as possibilidades. Então o meu ônibus, repentinamente decidido a se mover, ganhou dois lances em relação ao dela e, conforme o trecho sensível de um roteirista que desconhece o amor (e por isso já não sabe como dar fim às suas intrigas melancólicas, coalhadas de um convívio minguado), perdi seus olhos em meio aos caminhões da autoestrada. Quase certo que jamais os verei novamente. Ironicamente, esse nada é tudo o que ficou para contar ao mundo, ao menos antes do poeta manco, um tanto relutante, aceitar que ali estava um ponto final e que enfim encontrou o destino em que desaguará. Resignado com a vida, ele termina sua crônica com os olhos distantes de tudo, perdidos no nada: quase bonitos, não fossem tristes e sem esperança.

Aqueles olhos de areia outra vez.

DOMINGO NA PAULISTA

A rua fechada é um parque de asfalto feito para quem nasceu com horizontes espelhados. A banda tocando é um som que viaja pelas fossas do medo. E uns e outros formamos plateia em frente à moça que canta e dança e ginga o seu timbre – um calor no peito de quem passa. E eu parei também. E vi a banda. E senti a atmosfera que emergia do grupo muito jovem. A bateria conduzindo o inefável sobre o nada. O baixo que pulsa e avisa da vida. A guitarra fazendo franja na paisagem das canções. E uma voz macia denunciando a presença de alguma alma. Por um momento, tudo ali era mais claro – morno e delicado como um filho que aprende a ser criança ao despertar de um sonho estranho. E quem de nós não experimentava em doses largas dessa paz?

Ao lado da banda, porém, havia a lixeira. E o mendigo chegou alheio. Ele não ouvia, era surdo para o nosso mundo. Ou seria o nosso mundo que, surdo e cego para o pedinte, o afastava e o impedia até mesmo desse som que assaltava as ruas? O mendigo não ouvia, mas tinha fome. E pela fome é que mergulhava os braços na lixeira de metal, procurando restos e migalhas, copos sujos de *milkshakes*, gosmas calóricas de chocolate, creme ou baunilha. Engordurava os dedos no mel do copo sujo, deleitando-se com seu açúcar residual. Sua busca ansiosa e aflita por outro rejeito aproveitável bagunçava a paz de quem estava saciado. Que o êxtase da plateia pública era o fastio de quem jamais duvidava o desjejum. E o mendigo ali, com os pés pretos sobre o passeio imundo, como um princípio de realidade, arregaçando a utopia dos que conhecem o luxo da viagem.

Enquanto o homem revirava o lixo, o público da rua ondulava o corpo ao ritmo das canções. Curtiam o seu barato urbano como quem goza de um direito mais que merecido.

Só que a miséria era uma presença que não cessava. Uma mancha de óleo na água límpida da boa nova. E já não me tocava o som que antes era o ar inteiro da manhã. O pus do nosso organismo sufocava por completo os que sabiam ver. Porque o mendigo continuava ali, raspando com os dedos todas as frinchas do copo plástico da famosa rede de *fast food* enquanto a moça de voz plena emprestava melodias aos augúrios do amor. E quanto mais o homem comia do lixo, mais a voz da moça se tornava grave, ríspida, espinhosa até – intransigente como um cínico acompanhando um rito funeral. E os dois quadros racharam de modo incontornável. E os meus olhos e os meus ouvidos e a minha mente inteira ficaram do lado que naufragava da calçada. Então o homem deu de ombros e se foi.

O homem se foi sem levar nada, com fome ainda, buscando a próxima lixeira. A banda tocou mais um refrão, depois guardou seus instrumentos e também partiu. E eu fiquei ali, imóvel sobre o asfalto, sem saber o que fazer para evitar que os raios de sol, agora de uma aspereza intangível, me invadissem a escuridão do pensamento – último reduto da consciência envergonhada.

Quanto vale uma canção que nos conforta e anima?
Pode um poema nos transformar?

Talvez, mas não tanto. Não tanto quanto um homem descalço buscando sobreviver a mais uma manhã desprovida de fé. Não tanto quanto o desespero de quem está ali, de corpo presente, com os tímpanos funcionando, mas já não pode ouvir a melodia que atravessa o centro do país num domingo de manhã, feito um cachecol que cobrisse um rasgo na garganta ensanguentada da metrópole. Defronte ao monstro que somos e fizemos, portanto, o lirismo não é mais que uma venda sobre os olhos de quem enxerga com perfeição; e tanto, e sempre, e tão profundamente, que abrindo os olhos não tolera a paisagem – mira longe e faz de conta que não vê.

NATUREZA MORTA

A moça pega o seu *smartphone*, flexiona o braço direito, curva seu pescoço em 30 graus, respira fundo e veste a máscara da sedução. Nem mais um clique. Bico de beijos em vermelho batom. Modelo improvisada, bate mais três ou quatro fotos para garantir. Analisa os resultados. Não gosta do que vê. Refaz o mesmo itinerário. Agora o seu rosto lhe parece bem melhor. Vai concorrer com as amigas, sentir que não está sozinha na estação. Pois toda selfie é um libelo contra a solidão.

No banco ao lado, um rapaz se atira à mesma distração. Bota seus óculos escuros e ajeita seu boné. A mão esquerda agarrada ao celular. Com a direita, três dedos apontando o infinito, um gesto jovem que assegura o seu gosto em posar para si mesmo. Sorri, mas não muito. Prefere não mostrar demais os dentes. Na primeira foto, revela a testa enrugada – será mais comedido na segunda. Só obtém bons resultados a partir da quarta ou quinta. Depois envia o autorretrato para os seus. Quer mostrar que está vivo e que vai bem. Engana-se quanto à função. Pois toda selfie ilustra túmulos e lápides, pois toda selfie é exercício de lassidão.

Também essa senhora encosta sua bolsa na cadeira ao lado para melhor aparecer em sua foto. Fugir das rugas à sua idade parece um pouco mais difícil. Embora falso como todos os outros, seu sorriso revela menor intimidade com as artimanhas do simulacro. A insegurança vai estampada em cada traço. Até seus dentes parecem tremer por aventarem o rigor de um julgamento – mas quem a julga? Por qual razão? Bate o retrato mesmo assim. Quer enganar o tempo com promessas de além. O natural foge do gesto, tudo é em vão. Pois toda selfie é cobertor da existência, pois toda selfie arrota o ser que já não é.

Então chego ao meu apartamento e miro os cabelos pelo chão. Corto as unhas crescidas em mais de mês. A casa está

suja. Uma casca de banana sobre a poltrona da sala de estar. Uma cadeira fora do lugar. Garrafas de vinho sobre a pia, arranjos de plástico e papel. O celular carrega na cozinha. Aciono a câmera, faço também o meu retrato. Não compartilho. Aquele não sou eu. Pego um caderno e me ponho a escrever. Meu texto é triste como um casal de namorados que se exhibe em fotografias pasteurizadas no calor pegajoso do litoral. Mas continuo escrevendo. Contra a morte, contra o tempo, contra o fel da solidão. Pois toda selfie é uma crônica em busca de editor.

Pois toda selfie é uma natureza morta.

Mas toda selfie é um aplauso ao precipício.

Que toda selfie é um cadáver com meu rosto – esse cadáver que me encara ninguém vê.

O SEGREDO

Todos os outros sabiam daquele segredo. Somente eu e mais uns tortos e sonsos é que não. Foi sempre assim: tudo tão explícito, pornográfico até, que seria difícil explicar como é que a coisa podia funcionar e ainda ter algum efeito, como podia continuar a sua vida secreta – não se tornar genérica e chegar também aos que viviam de cabeça baixa, aceitando ameaças mais ou menos veladas como uma forma algo instintiva de dizer bom dia, como vai você.

Nós, os tortos, vigiávamos seu funcionamento, embasbacados pelo modo como, a um só tempo, aquilo era vulgar e sutil. Eles, os que mantinham ou guardavam o segredo, sabiam os seus iguais pelo olhar. Obviamente que nós também, embora nossos olhos expressassem contínua e somente essa condição acuada, derrotada pela história, pressionada pelo mundo. Então eu me filiava aos menores, aos mais mirrados, aos que preservavam códigos infantis e, justo por isso, sofriam em grau mais elevado o desprezo dos membros daquela aristocracia subentendida. Tudo isso, é evidente, exigia de mim algum esforço, pois o desejo de me juntar aos bem sucedidos, nem que como um seu cãozinho patético, latindo estridente mediante qualquer aproximação impopular, esse desejo latejava nos meus sonhos e, não raro, manifestava-se num comportamento ridículo, de simular o segredo entre os mais ingênuos, colocando-me numa posição intermediária, um estagiário da magia. “Será tudo muito diferente quando esse tempo se acabar”, é o que todos eles tentavam me fazer acreditar.

A banda podre, porém, jamais me abandonou. Continuei observando de longe o segredo funcionar entre os outros, sempre para eles e entre eles. E se a outra turma toca *heavy metal*, é vista como um tipo de escória por suas roupas de brechó e a cabeleira ensebada, ali estava eu, associando-me ao grupo.

Se eles gostam de brincar, de fantasiar reinos impossíveis, e se o jogo para eles é a finalidade última do tempo, eu queria vê-los à decomposição de sua irmandade leprosa – que me deixassem ao menos assistir. Se eles são loucos, desequilibrados, fumam pedra e estão caídos num vício terrível, rumando à autodestruição, deixem-me provar do seu delírio, deixem-me ser o seu princípio de realidade. Se perderam tudo o que importa e agora se encostam num balcão decadente de bar, se encharcam seu fígado com vodca barata para esquecer do fracasso fundamental de suas vidas, se expressam seu medo contra fantasmas sob as formas mais vis e rancorosas, deixem-me acompanhá-los no tubão, amenizando a tensão ambiente com uma piada bem ralé.

Daí que hoje, analisando detidamente esse problema, eu me pergunto o quanto fiz e o quanto fui feito para me juntar à turma do porão; se somos iguais, afinal, ou sou eu quem procura outra coisa nesses olhares vazios, que miram sempre a sujeira do chão. Pois eu sabia, e às vezes o sinto pulsar dentro de mim, eu sabia, eu sempre soube o segredo, soube com todas as letras e por inteiro, embora me sentisse um monstro ao usá-lo contra alguém – e é sempre disso que se trata: *usá-lo contra alguém*. De modo que, para além daquele segredo, eu guardava outro, mais íntimo, que era só meu: que eu sempre soube – juro, eu sempre soube –, eu sempre soube o que vocês usavam, eu sempre soube o que vocês estão usando contra mim.

NO ESTACIONAMENTO DA LOJA DE SAPATOS

Desde a quadra anterior, percebi a fagulha se acendendo entre os dois – a microfísica de seu minúsculo tumulto na esquina. Ela, encolhida, sentada na mureta do estacionamento da loja de sapatos. Ele, em pé e muito impaciente, às voltas da moça, passando papéis de uma mão para outra. Dava pra ouvir o destemperado do homem de bem longe, mas só mesmo na iminência de cruzá-los é que ouvi o murmúrio que vinha da mulher convulsa. Aos prantos, confessava: “tenho vergonha de entrar aí”. Cada vez mais inflamado, o homem dava as costas para a tristeza de sua parceira – os dois formavam um casal? –, esbravejando ordens ao sol tímido da manhã. “Cê vai gastar com tudo isso, vai?”. Nisso, eu já estava rente à discussão tornada pública, tendo à vista o rosto magro que essa mulher nem tão nova tentava esconder no próprio colo lambido de lágrimas.

Súbito, a moça sobe o tom: “*pra* você tanto faz se eu me enforco ou acabo degolada”. O rapaz se desconcerta e afirma, com indignação: “olha pras coisas que você tá falando, meu Deus!”. No portão vizinho, havia outra mulher – esta com um espírito mais velho ou cansado, fumando seu cigarro sem pressa. Certamente, já vira e ouvira aquilo tudo por diversas vezes. No estacionamento, porém, o homem crescia em sua irritação. Por um momento, tive vontade de intervir, dizendo à moça “fique calma, não há motivo pra ter vergonha, todos nós precisamos de ajuda”, mas, ainda que não duvidasse de sua reação, receava a atitude do seu acompanhante diante de uma tal intromissão. Naquela situação, aliás, qual seria o tamanho da minha paciência, do meu equilíbrio? Sei, porém, do rosto acusador do homem que, na ânsia ou desespero de uma transformação, alterava-se ao falar do indispensável.

Já chegando à outra esquina, tornei meu olhar à cena e vi o casal, agora de mãos dadas, defronte ao portão do CAPS AD. A mulher continuava chorando, inconsolável.

Tão cedo aqueles mundos colidiam que, transtornado pelo silêncio, meus pés fraquejaram ao subir o meio-fio. Era vergonha precisar de uns comprimidos, carecer de alguns hormônios a mais? E porque chamamos pelo nome de Deus o que tanto se parece com alguma monstruosa culpa, caberemos na história em um capítulo sem brilho, destinado aos antecedentes da razão. Daí que cobremos uns dos outros, e inclusive de nós mesmos, um sofrimento assim, discreto ou blasé, como quem se aconselha com as pedras.

Continuei meu passo. Pelas frestas das cortinas, rotinas perfeitas se revelavam no interior das casas da vizinhança. Mulheres lavavam calçadas, os cães berravam sobre os jardins. Meu pensamento continuava fixo no casal de estranhos. Sobretudo, indagava-me sobre a quem recorrer quando o mundo inteiro nos parece um tipo de ameaça sombria. Quis voltar ao CAPS para dizer à turma de loucos e angustiados que nem tudo estava perdido, que só o sofrimento nos une, organizando um motim contra Deus e seu exército angelical de tridentes. Fui barrado, porém, pela mesma vergonha que há pouco paralisava a moça do estacionamento em seu desejo de redenção e cura.

Ela estava certa, enfim? Inconfessável, o presságio. Todavia os loucos o confessam em seu pranto: que os que sofremos com a vida sentimos sempre essa impressão aguda de – Senhor, e quem aqui será por nós? – percorrer um caminho desde o início formatado por equívocos. Demasiado longo, é claro, porque mirando o inexistente – demasiado longo, porque abraçado a um destino imaginário.

O GUACHE DAS MANHÃS

Carregado pela energia da colônia em movimento, o calçadão se desdobra em mil quinquilharias. Suas pedras soltas procuram a dor dos humanos em novos tropeços. Quase mortas de tão secas, enjauladas em seus vasos de cerâmica, duas árvores relembram frutos de outra espécie, com a melancolia daqueles a quem é negado o prazer natural da reprodução. Sob o sol inflexível, o carrinheiro perfuma a manhã com seus espetinhos de carne e queijo. No meio de tudo, uma menina dança. Em frente à farmácia, incrustada no aglomerado do comércio, colada ao movimento da esquina. Dança pra ganhar a vida. Dança pra passar o dia. Dança pra afastar a miséria. Uma menina dança.

E como poderia a sua dança atrair novos clientes para uma drogaria? Não me perguntem, não sou bom nos negócios. Mas a menina dança. Dança porque está sendo paga para dançar. Dança porque a fome é bem melhor não conhecer. Dança porque seu pai pagou as contas até ali. Mas dança com a marca da sobrevivência: o fraldão de bolinhas se sobressai junto ao vestido verde franjado, no rosto as sardas maquiadas e os óculos de fundo de garrafa – dança vestida de Chiquinha, a personagem mexicana. E dança como se o agora fosse seu último minuto no mundo. E dança como se pilhada em boletas e anfetaminas, dança todos os passos que sabe dançar. Dança no centro da terra, debaixo da marquise. Ela dança, mas eu não vejo qual a graça.

Da loja de Umbanda da Rua Fernandes Pinheiro, maus espíritos sussurram na nuca do cego manco provocando calafrios em sua face de profeta. Um rato salta o meio-fio e corre assustado rumo ao esgoto. O cheiro de fritura sobrepuja o aroma das flores da agropecuária. No centro decadente, todos desempenham seu papel com correção: mendigos esmolam, ambulantes vendem, estudantes passam e *hippies-punks* intimidam as ve-

Ihas colonas com suas sacolas cheias de lã e artigos de costura. Entre todos eles, porém, a menina dança. E o menino que passa empina seu celular registrando a cena. Dedilha seu *smartphone* e gargalha do balé vulgar. Envia aos amigos o rebolado da Chiquinha. Mas eu não vejo qual a graça.

E o menino de celular à mão, batendo fotos da moça à distância de uma quadra. E a menina suando seu corpo esbelto de quem ultrapassou ainda ontem a infância. E o moço que dedilha seu *smartphone* fingindo não estar sozinho no meio do redemunho. E a menina que percebe a multidão do comércio, mas dança como quem poda arbustos e recolhe frutos no jardim suspenso do céu. E o menino ri, superior a tudo, mas eu não vejo qual a graça.

Então a menina interrompe seu bailado. Enxuga a testa nas franjas do vestido. Olha o entorno como se descobrisse num repente algum intruso no seu quarto de dormir. Repara nos risos do menino. Respira fundo antes de voltar ao inferno outra vez. Então retorna à sua dança. E dança como nunca. Mergulhados num azul distante, porém, seus olhos tristes recriam o mundo num tom pastel. Sobre a menina que dança, agora o céu indiferente derramando o guache opaco das manhãs.

INDECISÃO

Ainda ontem, em plena Sete de Setembro, um velho louco, manco e cego – um desses velhos com vestes rasgadas – jogou seu corpo em minhas mãos. Babava e fedia como um cão raivoso, fazendo-me propostas sem sentido: “vê este caminho que rompe a tua vista? Diga-me: percebes, por acaso, que há um movimento adiante e outro para trás? E tu, de que lado fica neste embate final entre os que seguem e os que voltam para o fim?”.

Não é verdade que sejamos somente isto ou aquilo, respondi. Também as realidades se espraiam para cima, para baixo e para os lados.

“Tu me enganas”, praguejou o velho, “e mentes como um monstro indeciso. Tira tuas dúvidas e teu pessimismo rancoroso do meu caminho. Eles me levarão em marcha ré”.

Então cuspiu em meu rosto, amaldiçoando a minha solidão que passeava inconsequente por direções inominadas e proibidas.

O velho seguiu em frente e, na esquina, festejou um sanduíche que apodrecia na lixeira do Condomínio Liberdade. Entristeci a passos lentos, adentrando em uma estrada que culminava numa guerra pintada em vermelho. Caíam em meu colo os restos de papel e querosene do foguetório alucinado dos que seguiam e voltavam. Não sei se o velho teve o mesmo fim. De longe, a sua guerra parecia mais bonita, com metralhadoras multicoloridas que atiravam pétalas de rosas pelos buracos de um cano PVC. Senti inveja da sua morte, que seria festejada pelas bandas marciais de uma escola de paralíticos, enquanto a minha se restringiria a cavar meu próprio buraco numa colônia de vermes vagabundos, viciados e cínicos.

Por maior que fosse o meu desejo, eu não conseguia seguir. Nem voltar para o fim que está atrás, com a certeza de um

messias desfigurado. Quem me dera, afinal, eu fosse como ele, tão correto e tão certo dos meus equívocos. Quem me dera se eu pudesse ser também um velho louco e fedido, bêbado de convicções, com a camisa amarelada pela urina desses cães apáticos, que já não latem quando passa o caminhão do lixo.

Triste sina a dos inábeis para o mundo: enquanto o velho encontra as suas placas numa rua de mão dupla, as minhas avenidas se apagam e, lentamente, vão sumindo no calor da primeira brisa, que escorrega lentamente ao pulmão. Para não permanecer perdido, precisarei segurar agora mesmo os ímpetos dessa respiração teimosa, que se arrasta pelos dias de forma insolente, como um relógio de ponteiros invisíveis, marcando assombros num ritual de execução.

O RETRATO DE WILHEM

Eu acabara de me mudar para esse casarão histórico, repleto de esquecimentos. Os primeiros moradores, como se contrariados pela mudança, deixaram seus vestígios por toda parte. Na parede, ficaram alguns quadros e retratos do início do século. O que mais me prendia a atenção, porém, era a fotografia em preto e branco de um senhor de longas barbas e ar competente, cujo nome constava na parte inferior do quadro, em letra cursiva: Wilhem.

Fuçando as gavetas, entre outros vestígios domésticos, surpreendi-me ao encontro de um poema escrito à mão, em português, assinado com aquele mesmo nome do quadro. Seus versos me remetiam a algo conhecido, mas enigmático. Percebi que, afora ligeiras diferenças, tratava-se de uma famosa canção brasileira, composta, salvo engano, no início dos anos noventa. Acordei com o barulho de uma moto acelerando o tempo – seu ronco continha a estridência de um grito diabólico.

Ao me levantar da cama, ainda atordoado pela brusca interrupção, esforcei-me para não me esquecer daqueles versos – precisava conferir se eram mesmo idênticos aos da música, configurando assim um tipo misterioso e inefável de violação de direitos autorais. Então me dei conta de que isto seria impossível, pois eu estava dentro de um sonho: não morava naquele lugar e, portanto, não teria mais acesso ao poema de Wilhem.

Aquilo me abateu sobremaneira. Tentei me concentrar nas palavras do velho alemão, mas elas se desfaziam em minha mente como pedacinhos de algodão doce mergulhados na saliva dos dedos. Meu ambiente mental estava cheio de infiltrações. Belisquei-me próximo ao pulso, não doeu. Precisava retornar. Inexorável como a umidade do ar, uma tristeza muito profunda mofava o meu presente com a melancolia de uma

Marco Aurélio de Souza

perigosa saudade, impelindo-me à falta de um passado que, desconfio, não existe e nem nunca existiu – não houve ainda e nunca mais existirá.

OCASO DENTRO DE MIM

Uma vez houve o pôr do sol em minha casa. Com a frequência dos dias azuis, a retirada silenciosa de nossa estrela mãe podia ser vista inteira do meu terraço. Naquele tempo, afora a apatia dos dias normais, a letargia do trabalho e de tudo o que é mecânico e repetitivo, seus últimos raios se derramavam sobre minha pele com a delicadeza de um afago cósmico. Assim é que o fim de cada expediente ardia cúmplice de meus vícios, no aguardo das noites regadas pelo casamento entre o fumo e o vinho. O crepúsculo velando-me à varanda do apartamento enquanto eu imaginava Deus encaçapando astros no ocidente púrpura.

Mas nem sempre. Logicamente, a natureza também tem seus caprichos. Às vezes, agremiações de nuvens encobriam o espetáculo e, abandonado em uma cadeira de plástico, eu me descobria triste como um anjo insaciável, sugando as cinzas úmidas do ocaso. Mesmo aí, em seus piores dias, o céu opaco me alimentava com sua força multiplicadora: num repente feliz, seus raios improváveis furavam o bloqueio das nuvens acariciando minha barba desalinhada. E sentado ali, na meditação de quem se esconde da rotina, aprendi a arte de conversar com o vento e enamorar-se dos poentes. Tudo isso antes que os homens de negócios tramassem um novo futuro à cidade, apresentando a especulação imobiliária à minha vizinhança e, assim, desembarcando ali suas promessas de contornar a perda de Ícaro.

Demorou um pouco para que o prédio da esquina chegasse à altura do nosso. Sabendo qual o seu projeto, porém, antecipei seus passos e minhas angústias – sempre a mesma ansiedade me acompanhando. E em cada nova laje concretada, ao pôr do sol, um suspiro mais longo e um trago mais sofrido. Daí fantasiava o porvir, imaginando uma série de atentados

terroristas, quem sabe outros eventos nem tão mirabolantes assim, mas que ao menos impedissem o andamento da obra – um juiz caprichoso exigindo a interdição imediata da construção, quem sabe a descoberta de um erro estrutural incontornável, um dinossauro no subsolo, sabe lá: qualquer motivo para que o prédio não vingasse ali. O avesso do tempo me entretinha, é claro, mas as vigas da realidade continuavam a subir.

Até que ontem um novo andar tapou enfim o meu miolo de horizonte. Foi quando me dei conta de que, nos últimos dias, vinha faltando ao seu encontro e, por isso, sequer tive tempo de me despedir. No fim da tarde, estacionei a cadeira no mirante particular e, munido de uma dose de conhaque, esperei pelo milagre dos tijolos invisíveis. O paredão estava lá, é evidente, mas, entre suas ferragens e placas de madeira, resistia ainda uma frincha de acesso à paisagem. E ali estava a sua luz rubra me observando pelas frestas do infinito.

Naquele instante, o sol me deu o seu adeus como quem diz ‘não fique assim, meu amigo, não chore não. Do outro lado do concreto, do outro lado do planeta, do outro lado da realidade, mas estou contigo ainda – agora é só a tua vez de me encontrar’. Então, também na despedida fui feliz. Mirando paredes mudas, curtindo tristezas frias, sobrando sozinho à luz da lua. Pois hoje sou eu – e só agora compreendo – quem deita a alma sobre o corpo que é do sol.

ELOGIO DAS MURETAS

Eu sei que os ventos são de vazio e cataclismo. E que o seu hábito cínico se alimenta tanto da indiferença dos bem sucedidos quanto da fragilidade calculada dos que replicam palavras de amor com os pés aninhados sobre carcaças em decomposição.

Todo sorriso que não salva atinge o osso e mata mais.

Eu sei que o tempo exige o berro incendiário. Daquele que rasga o sono dos quartéis. Daquele que recruta o desespero da juventude sem fundos. Daquele que orienta a multidão dos desprovidos injetando vida nos olhos opacos dos suicidas, dos que perderam alguma fé.

Afora o quanto sei e ignoro, contudo, deixem-me abrir ainda um último parênteses para contar do que, em segredo, o desejo vem conspirando com a angústia: à revelia este meu ódio comprimido, meu corpo enfarado da razão de urânio que os enfermeiros do apocalipse nos dão, vou remoendo as coisas que o tempo não devolve e me lembrando das muretas em que um dia já me sentei. Porque os muros e as muretas, vocês sabem, embora carreguem um nome de mesma raiz, são estruturas de natureza completamente distinta, e isso eu também sei.

Daí que, embora deteste os muros e sua necessidade, as muretas me encantam mais até do que as pontes ou outros símbolos do que está interligado. Que as muretas não se prestam às travessias; elas não. Tampouco impedem a passagem de um vagau qualquer. As muretas não foram criadas para proteger um patrimônio ou propriedade, mas sim para que a gente se sente nelas ao fim do dia e ali fique por algum tempo, fora da razão e da história, admirando o ritmo dos caracóis sobre as folhas, bebericando um mate com quem nos aceita, fantasiando ideias de uma vida nova ou de um grande amor.

E porque no mundo tudo passa, porque no mundo nada fica um pouco mais, é que me agradam tanto as muretas: porque

nelas, nos seus momentos de bobice e desperdício, é que eu consigo habitar o impossível, é que eu consigo construir eternidades, é que eu revivo esse menino do espelho – esse que me flagra assim, perdido outra vez, mirando besta ao farol de girinos que, esquiva formosura, espraia-se agora pelas luzes errantes do breu.

OBITUÁRIO

Tinha um cara morto no meu ponto esta manhã. Vinte pras sete, nem bem o sol nascia ao longe, fui pegar o ônibus na estação e ele já estava lá: morto. Se bem que pequena, a plateia carniceira obstruía o meu campo de visão, sinalizando a doença desse mundo exaurido, por todos os lados vazado pelas fendas de um abismo circular. Eu não queria ver. Todos os mortos se parecem um pouco. Todos os mortos se parecem um pouco com a gente, e é por isso que eles apertam nosso peito e sempre nos fazem chorar. E é por isso que eu não queria ver. Nem podia. Estava morto.

Bem perto do ponto, havia um módulo policial. O homem que corria em exercício matutino alegou ter avisado a autoridade de plantão. Indiferente, o PM lhe disse para discar um-nove-zero. Ninguém acreditou no homem. Nem no que via. No entanto, o corpo continuava lá, cumprindo a sua maldição particular. Morto. O burburinho popular dizia que o caso era de latrocínio. Sem marcas de sangue, tiro ou facada, o corpo nos fazia imaginar uma tenebrosa cena de estrangulamento. Do roubo, o povo sabia pelos pés. O rapaz, de uns trinta e poucos anos, estava bem vestido, mas descalço. Carregava uma pasta, devia estar indo para o trabalho. A carteira aberta, distante um metro do cadáver, confirmava a futilidade do óbito. Quando chegaram os bombeiros, descobrimos também que o corpo ainda não estava rijo. O crime tinha sido praticado há pouco, apenas uma ou duas horas mais cedo.

Antes que o levassem para a ambulância do SIATE, meu ônibus partiu. Cabeças assustadas se colavam à sujeira das janelas, enrubescidas pelo pó laranja das estradas rurais. Os passageiros seguiam ruminando a sensação de insegurança. O país estava um caos. Alguns apelavam para um passado mais ou menos idílico, na tentativa de recobrar a sanidade. Outros, ainda,

lamentavam o fato de que o cidadão de bem, que paga impostos e forma família, vez em quando fosse obrigado a se esbarrar com esse outro lado da vida, podre e sinistro. Estávamos perdidos, eis a verdade. E que Deus tivesse alguma piedade de todos nós.

Eu não queria ver o morto. Deu, porém, que o ônibus parou no sinaleiro ao fim da rua e, nesse meio tempo, quase involuntário, vi de relance a palidez inerte do rapaz. Os bombeiros o carregavam para a viatura e, pelo vão das cortinas, vislumbrei seus olhos inexpressivos que me exigiam atenção feito fossem dois diamantes perdidos no raso da maré, debaixo do mar que avança na ressaca. Protegido pela privacidade do fundo do coletivo, permiti a mínima e furtiva lágrima que escorreu friamente pelo rosto. Por dentro, o espírito parecia se resumir a uma coleção de nós, de entranhas que se reviravam inflamadas, cobrando da realidade um momento de folga no seu avesso. Quem sabe um lugar onde a escuridão não fosse tanta e nem assim tão permanente.

Em questão de minutos, meu equilíbrio desmoronava. Na metafísica queda de braços, a esperança saiu perdendo mais uma vez. O ônibus deixou a esquina, enfim, e imaginei escapar, finalmente, daquela morte intransigente que me encarou de frente, roubando-me a paz interior. Mantive o pasmo por mais alguns instantes e, quando dei por mim, o ônibus já chegava ao ponto final. Lembrei-me do cara morto outra vez. Era difícil conviver com aquilo.

Hoje, por consequência, as coisas correram diferentes para mim. O dia se aproximando do fim e o cara morto continuava lá, caído na memória. Vinte e tantas horas de um breu profundo, sem qualquer notícia da luz. A escuridão está por toda parte. Tomado por estes ares, calculei então, e ao contrário da conclusão precipitada de há pouco, que não era a morte quem ficava para trás naquela calçada logo esquecida pelos passageiros que seguiam viagem. Era o valor misterioso da vida quem me escapava lentamente e, como aquele defunto, ficava também um pouco distante, nebuloso e sombrio, palidamente estendido no retrovisor das horas.

E ELA SANGRA

Tenho espremido meus dias assim, entre urgências e esquecimentos, acendendo um encontro na brasa do outro, esquivando de um trem e de um raio por vez. Com picos de alegria e gozo que se levantam sobre platôs intermináveis de responsabilidade e compromisso, saudoso de caminhar desarmado à madrugada, dos pés descalços à beira de um precipício qualquer.

Orgulham-me as pequenas vitórias porque me sinto como a grande derrota que grita.

E de repente minha filha fazendo 10 anos, e de repente uma ruga aflita rasgando o meu rosto, um avião que cai, uma viagem a Brasília, mais um concurso que não passei, um show de rock em que não pude comparecer. E de repente mais de um emprego e mil e uma tarefas a cumprir, e de repente a indecisão sobre o correto na loucura da vida. Um filme em família, um sopro no café. Mais cansado do que nunca, apesar da lâmpada do sótão sempre acesa.

Até nos sonhos tenho deixado escapar algum bocejo – nunca de tédio, é verdade, somente esse cansaço bruto, consumindo a energia que parece muita, mas não é.

Outro pequeno orgulho que carrego: jamais converti as minhas horas em cifrão. A alma é um bicho que requer silêncio, mas demanda do riso gratuito para fermentar. A minha cresce em cada esquina que abraço, em cada beijo que lanço ao infinito.

Então me lembro que aqui existe, e que cada dia escrevo menos, penso menos, me sinto menos. E que nos tornamos – todos nós, cada um a seu modo – âncoras de nosso próprio e

miserável cotidiano. Precisava contar ao mundo como foram os últimos eventos: o livro na praça, o sabor da festa e o dissabor do bar preferido cerrando suas portas, tudo acontecendo sob a mesma luz de um celular que pesa toneladas no bolso furado do jeans.

Quem sabe tudo se evapora num segundo quando eu conseguir ajustar finalmente o meu horário de dormir.

Ontem, no entanto, saindo do mercado, trombei um rapaz carregando o seu bebê e esses dois brilhavam mais do que o plasma de nossas armadilhas digitais. E o pai, tão novo, jogava brincalhão o seu filho para o alto, recebendo-o nos braços com a ternura de quem cultiva sorrisos nos vasos da cozinha e da varanda. A cena embalada, ainda, pela canção de Leoni que este pai desconhecido cantava livre, leve, liberto de qualquer pretensão, e nesse instante a sua voz era o rumor da vida que se levantava e dizia: *estou aqui, isto é tudo o que posso ser, aceite-me ou sofra como quiser*. Mas a beleza desse momento, ao contrário do que se poderia imaginar, não diminuiu a dor que eu sentia – tornou-a mais aguda, deformando-a até o ponto da depravação estética.

Então escrevi o texto que há dias ansiava, este murmúrio quase indecoroso.

Então meus passos se tornaram menores do que os primeiros passos de uma criança balbuciante.

O mundo às vezes me exige dessa capacidade de reformular uma mesma e eterna questão.

Não só a mim, é claro, porque sou feito da mesma matéria que vocês.

E essa matéria sangra, como sangra.

Essa matéria sangra quando precisa renascer.

PARA SER UM ESCRITOR

DOENÇA CRÔNICA

Espicho o primeiro olhar sobre o dia que começa e, junto de alguma luz sorrateira, sinto o ar pesando como lâmina suspensa na garganta. Entre o espinho e a boca seca, pairam dúvidas sobre a origem do desconforto. Então o gelo nas coxas. Espanto as cobertas e as hipóteses furadas: sim, é o inverno quem chegou.

Por não cultivar o hábito do pijama, a estação mais fria sempre se anuncia ao meu corpo sob a forma de uma inesperada dor de garganta – um troféu a quem é desleixado o suficiente para dormir de roupa íntima dentro da geladeira, desperdiçando as vantagens de ter um teto. Chamo logo de inverno, claro, à primeira frente fria do ano, dado que cada vez mais rara está sendo a visita das estações intermediárias, primavera e outono, essas sumidas; ultimamente, tudo se passa como um longo e tórrido verão interrompido aqui e ali por invernicos, os curtos períodos do ano em que os dias vestem japona.

É um tema polêmico, como não? O inverno divide: há os que o amam e os que o entendem como um respiro (ou seria espirro?) necessário e, por outro lado, os que o detestam feito fosse uma sessão prolongada de tortura. Os portais mais bregas já falam até mesmo em fãs e *haters* do frio. Meu cotidiano de casaca, por sua vez, não tem muito de *glamour* ou dessa falsa elegância *indie*. Eu sei, eu sei; minha mãe insiste que fico mais jeitoso quando é inverno – é que a matrona não gosta de me ver por aí de chinelos. Até uma touca bem bonita ela já costurou ao caçula (e gosto do item, particularmente, porque me evoca o Jack Nicholson de *Um Estranho no Ninho*). No mais, a emergência do frio não me parece mais do que um assunto irrelevante, desses que a gente deve ter somente no ponto de ônibus ou na fila do postinho. Perfeito, portanto, para uma crônica pouco inspirada, um prato típico da estação.

Se não amo nem odeio, é certo que também guardo alguns prazeres hibernais. Pela manhã, por exemplo, quando o trabalho não mela os meus planos, esticar o sono – acordar às dez, com o corpo travado, sentindo charmosas pontadas na carne: minhas precoces e preocupantes dores musculares. Engolir o café pensando no almoço. Congelar os dedos ao lavar a louça (que deve ser mínima) para, depois da guerra com o chuveiro, almoçar qualquer coisa sem sabor no bufê por quilo da vizinhança. De tarde, fingir trabalhar – atividade que é ruim no calor e continua sendo péssima no frio, pois bom mesmo seria passar pela vida sem relógio. De passagem, lembremos que um dos efeitos desagradáveis do inverno é que a gente vive com as janelas fechadas, o que em muitos casos desperta o mal displicente da tosse e da rinite. No transporte público, é de praxe pegar na baba virulenta dos velhos gripados ao segurar no “puta que o pariu”. Não custa lembrar que, para tantos, inverno é sinônimo de mucosa presa no bigode.

Questão de clima: o sol se esquia da redoma (risos) e o frio aumenta. Nessas horas, o vento incomoda o peito desprevenido. É uma besteira, confesso, mas não uso os paparicos de lã por receio de ser confundido com essa turma blasé que usa cachecol e luva na primeira tarde amena do ano. Daí que, com a queda brusca da temperatura pela noite, já sinto os caninos descerem à garganta outra vez. Na janta, tomo uma ou duas latas de Kaiser gelada, contrariando o bom senso e o gosto médio de minha classe igualmente média. Com o xis do *trailer*, que peço para o *motoboy* entregar, tomo um refri de coca à guisa de lubrificação. Com a barriga cheia, cogito exercícios inconfessáveis – opção que prontamente descarto ao relembrar o efeito que as condições de temperatura e pressão causam em um órgão afeito à hibernação. Então a noite se assenta e, enfurnado nas cobertas, assisto a Globo News mamando uma overdose de vodca com limão, o que me põe a dormir.

Se o dia acabou? Nada. O primeiro sono é sempre no sofá. No meio da madrugada, acordo assustado e, negligenciando

a higiene bucal, tiro a calça jeans, finalmente me deitando em um local mais apropriado ao descanso. Penso nos dentes sujos, na língua branca e na utilidade dos pijamas somente na manhã seguinte, quando acordo outra vez com a boca seca recendendo a álcool e a garganta áspera pelo efeito do ar quase sólido. Sem ânimo algum, recomeço a rotina maçante.

Ah, sim, já ia me esquecendo: repito que o frio só é assunto para quem sofre de doenças crônicas de inverno. Em algum momento de minha noite de embriaguez, também tiro uns minutinhos para escrever. Consonante à época, melhor recurso não há que um texto brega e, portanto, recheado de clichês. Nem bem a primeira geada e, ai que frio!, meu lado bacharel do *hinterland* me invade por inteiro. Como num transe, me pego a escrever uma porção de mentiras com manga comprida: um a um, invoco os prazeres da estação – tomar sopa e comer pincão, apreciar o branco da bruma, transar usando meia depois de tomar um bom vinho, uma tábua de queijos e um *fondue* de chocolate, tomar chimarrão com a chaleira quente sob o fogão a lenha & outras bobagens que tais. Que o leitor perdoe o pecado, portanto, pois cronista algum escapa inteiramente ileso às mudanças que o inverno provoca. Diante da palidez e da falsidade vazia de um sulista padrão, vá lá, delícia maior que esta não existe: *hay que falsear, sim, pero sin perder lo azedume jamás.*

COMO E POR QUE ME TORNEI PROFESSOR

Há quem reclame aqui e ali sobre suas lacunas formativas na educação escolar – e diga com arrogância: “professor algum me falou sobre isso”, ou ainda: “por que ninguém nos ensina tais coisas na escola?” –, mas a verdade é que, com o passar dos anos (para alguns de nós, dos dias) lembramos muito pouco do que falavam nossos professores em sala de aula, especialmente aqueles com quem tivemos contato nas etapas fundamentais do ensino. Algumas lembranças, porém, adquirem um significado afetivo e alcançam uma importância que transcende o contexto da aprendizagem, tingindo na alma alguma coloração nova, mais vibrante, que nos aproxima de quem a gente quer ser.

Daí que eu me recorde perfeitamente do Marcel, meu professor de História, discursando sobre o famigerado modo de produção asiático, embora aquilo fosse grego para mim, mas me lembre muito mais de sua relação com a música, que eu julgava ser algo de especial e importante. Eu era muito novo pra entender que vivíamos no “cu do mundo” e, obviamente, não curtia MPB como poderia/deveria, mas, embora não me lembre do gatilho pedagógico, hoje sei que qualquer motivo é um bom motivo para ouvir Caetano Veloso em sala de aula. Por outro lado, bem mais ligado nas guitarras, compreendi perfeitamente quando, indagado por alguém sobre o significado de anarquismo, meu primeiro guru sugeriu que ouvíssemos o disco “Cabeça Dinossauro”, dos Titãs, pois as respostas estavam todas lá. E estavam mesmo.

Os dias letivos passavam e meu repertório aumentava, em parte pelo exemplo do professor. Algum tempo depois, já não sei bem quando, não confessei a ninguém como estava orgulhoso por ter levado para casa os discos do Led Zeppelin que o professor me emprestou, mas aquilo me marcou para sempre.

Quando fui devolvê-los, num intervalo qualquer, um grupo de estudantes do ensino médio presenciou a cena e fez piada com o jovem roqueirinho: "desvirtuou mais um, professor?". Ele riu, respondendo de pronto: "esse aqui já está perdido". Aquele minúsculo ritual de iniciação – mas iniciação ao quê? Isso ainda me escapava... –, aquele ritual foi todo o meu teatro mágico.

Conto tudo isso, porém, para dizer que, não fossem as rápidas conversas que tínhamos depois das aulas, nada disso – esta crônica, por óbvio; este livro, talvez – teria acontecido. E que se nossa vida escolar fosse assim – como querem, aliás, os que atacam sistematicamente a "influência nociva" exercida pelos professores sobre seus alunos intelectualmente indefesos –, reduzida às superfícies de uma ementa padronizada, ela seria triste, pois perderia a sua essência e o seu fulgor.

Se o professor de história exerceu alguma influência sobre minhas ideias? É evidente que sim. As pessoas nos influenciam a todo o momento – não seria a um só tempo injusto e sufocante exigir justamente aos professores, que passam conosco boa parte de nossas infâncias e juventudes, que não o fizessem, preservando uma impossível neutralidade? Nada que ver com doutrinação. Falo aqui do papel crucial que todo bom professor desempenha sobre a trajetória de seus alunos e alunas: seu plano de aula é um modelo de vida. E estes modelos não se restringem ao que um professor diz ou deixa de dizer. Ele está impregnado no nosso jeito de andar, nos nossos maneirismos, no senso de humor que se cultiva, nas preferências culturais, nas histórias de vida, no trato com o próximo – é o resíduo biográfico que, não raro, torna-se o que de mais importante um professor tem a nos oferecer.

Dito de outra maneira: tive também dezenas de professores conservadores, caretas e carolas, que jamais compreenderiam a importância que um disco de rock emprestado na hora certa pode ter na vida de um garoto de onze anos. Por que nenhum deles me marcou? Esta é uma pergunta difícil, mas a resposta passa, necessariamente, pelo fato de que não somos

todos iguais. Talvez a muitos outros estudantes, aquele professor de matemática que nos obrigava a cantar o hino e a rezar o Pai nosso foi o que de mais interessante a sua escola pôde oferecer. Para outros, porém – e aqui incluo não somente o aluno que fui, mas também a pessoa que me tornei –, encontrar na escola alguém que lhe inspire a liberdade é o oxigênio que torna este espaço algo suportável, isto é, algo de verdadeiro, porque mais humano, porque menos previsível, porque mais real.

II

Então a adolescência já era fato consumado. No ensino médio, as aulas que mais me marcaram foram lições de geografia humana – então apartadas de sua contraface física – com o professor Ricardão. Assim como ele (que não disfarçava suas preferências em sala de aula), eu gostava mesmo era das discussões de geopolítica que aconteciam no contraturno escolar – o lado *underground* da sua disciplina. Afora isso, também o Ricardão me fisgou pelo seu amor à música. Às vezes sete da matina e já lá estava ele: cantarolando um rock n' roll psicodélico enquanto entrava na sala de aula. "Xuxu beleza, tomate maravilha", além de um refrão antológico de Arnaldo Baptista, era um bordão utilizado pelo professor entre uma explicação e outra.

Alguma influência? Bem, não tem como não gostar do cara que te dá carona para casa, ainda mais quando o rádio do seu carro está numa transa perpétua com os piores demônios do Black Sabbath, mas ali existia algo mais. Eu já bebia muito no meu ensino médio, achava que fugir da realidade tinha algum tipo de *glamour* (obviamente inexistente) e julgava que todo roqueiro tinha que ser louco de gole ou doido de pedra. Então o Ricardão, que era um roqueiro das antigas, abriu um parênteses entre dois relevos para dizer que encher a cara e se drogar pra se sentir mais vivo era tremenda babaquice, explicando o porquê: "quer curtir uma pira? Então se deite no telhado e admire

a imensidão do universo ouvindo Pink Floyd – isso sim é ficar alto, o resto é mentira". É meio bobo, sei, mas depois desse conselho, passei a ouvi-lo com atenção redobrada.

Naquela época, ainda, o bolivarianismo estava na moda, mas sem a pecha de comunismo e ditadura que hoje tem. Falava-se muito da Venezuela – não apenas nos jornais, mas especialmente nos grupos de política do finado Orkut; meu canal juvenil de informação –, das mudanças que se passavam por lá. Eu queria alguma coisa fixa, concreta, queria um norte para a minha identidade em formação. Um dia, numa dessas conversas de saída da escola, perguntei a ele o que achava do governo de Chávez. Com seu perfil à esquerda, eu esperava uma confirmação de que aquilo era bom, de que o governo bolivariano era justo, qualquer coisa equivalente. Então o Ricardão me olhou com um sorriso leve, pleno de satisfação, tornando à face grave logo em seguida: "se é bom ou ruim eu não sei, mas acho importante que a gente reflita sobre o que esse governo significa". Tirei dali, de sua postura séria e ponderada, meu ideal de conhecimento, de trato com o saber.

Mas tem um detalhe: como dito, na ocasião da pergunta, nós não estávamos em sala de aula. Elaborei minha questão à porta do seu carro, quando já estávamos indo embora. Dá para ver que, comigo, as coisas foram quase sempre assim: professor, sim, isso é importante – mas, por favor, me deixe ver quem é o ser humano por trás do seu jaleco. Se isso – esse modo de aprender, esse modo de buscar conhecimento –, se isso foi bom ou ruim, sinceramente, não sei dizer. Mas, como o professor Ricardão, eu me questiono: reflito sempre sobre o significado que essas conversas possuem em minha vida. Obviamente que as respostas mudam com o tempo, mas elas estão por aí, como na canção de Dylan (outra que o mestre da minha adolescência cantarolava diante de sua turma de zumbis tomados pela acne): *the answer is blowin' in the wind*.

As respostas estão no vento, é claro, e todas elas me levam a um estado de espírito que persigo até hoje, deliberadamente,

No coração onde me escondo

mas agora, tornado eu mesmo o professor, também almejo aos meus alunos, bem como a todos aqueles que, lendo este livro, investem o seu tempo numa reflexão sobre o meu modo de resistir à morte: dizendo *sim* para a vida.

TESTE DE FIDELIDADE

Um poeta sem prêmios é convidado por um poeta premiado para ir a um café no bairro boêmio da cidade. Entre um gole e outro, discutem a grave situação do país, a atuação e produção de certas editoras e autores, um ou outro evento importante para a "cena de poesia no Brasil". Lá pelas tantas, o poeta premiado achincalha a poesia de um terceiro poeta, também premiado, que até então era considerado pelo poeta sem prêmios como um dos melhores do país. O poeta sem prêmios engole a bolachinha do seu café como se fosse um torrão de terra. Olha pros lados, esgarça o colarinho da camisa. O poeta premiado quer saber qual é a sua opinião.

Pressionado, o poeta sem prêmios gagueja um pouco, mas não resiste à circunstância e finalmente concorda com o interlocutor: "realmente, você tem razão, a poesia dele talvez seja superestimada. Pensando bem, o sujeito tem mesmo uma série de cacoetes".

Subitamente, João Kleber entra gritando: "Para para para para! Vocês viram isso? Vocês *também* viram o que eu vi? Ele falou isso mesmo? liiih rapaz, lascou. Segura aí que a gente vai pro intervalo rapidinho e volta já pra ver como termina essa história".

Depois do intervalo, voltamos ao café do bairro boêmio e o poeta premiado joga outra de suas iscas: "você, por exemplo, escreve muito melhor do que ele". O poeta sem prêmios transborda, mas responde qualquer coisa tentando parecer humilde. Toma coragem e se declara: "Sabe, a sua poesia é hoje o que de mais fino está se fazendo em matéria de literatura no país". João Kleber explode no estúdio.

Então acontece o que ninguém imaginava. O terceiro poeta – que também foi premiado, mas estava sendo posto sob *judice* pelos primeiros – adentra o café aos gritos de "Safado!

Canalha! Eu escrevi o seu prefácio! Você não vale o frete do teu livro, seu falso, seu seboso, seu cínico! A sua poesia não vale um café de ontem, seu ingrato!".

Assustado, o poeta sem prêmios olha para o primeiro poeta, buscando alguma explicação, depois se volta para o terceiro poeta, o colérico, e se defende como pode: "traí, sim, mas e você, que nunca me chamou pra publicar na sua revista? Escreveu prefácio, mas nunca me apresentou ao seu editor – falso é você, seu engomadinho miserável!".

A plateia do programa vai à loucura. O barraco se estende por mais alguns minutos. Acalmados os ânimos, quase ao fim do programa, os dois poetas premiados aparecem no estúdio e são convidados a se sentarem para uma discussão a respeito das principais vozes da poesia brasileira contemporânea. O poeta sem prêmios é dispensado com um tapinha nas costas. Entrando nos bastidores, ouve ainda o início daquela mesa-redonda: "Os independentes são essenciais para a saúde da literatura brasileira contemporânea, não podemos ficar reféns do que diz o mercado".

Do sofá da sua casa, o poeta sem prêmios assiste agora à gravação do programa vespertino e percebe – não sem algum traço de espanto, ressentimento e decepção – que, a partir do momento em que se retirou do palco, seu nome nem sequer foi mencionado.

NESTE DISCO EM QUE VIAJO

Tenho consciência do quanto soa excêntrico, hoje, ostentar na sala de visitas uma intempestiva coleção de CDs. Mais obsoleto até do que colecionar discos de vinil, o que parece contrariar um pouco a cronologia radiofônica. Ilustrando o dado, ontem mesmo, em meio a uma sessão de (re)organização da minha coleção, dei um pulo ao *paraguaizinho* da cidade à cata de uma dúzia de capas de acrílico, para trocar aquelas que se quebraram ao longo dos anos. Pedi as capinhas e, depois de explicar do que se tratava – sim, não são capas para celulares, mas sim para CDs! –, dois dos lojistas com quem falei julgaram que eu estivesse fazendo troça, afinal, de que máquina do tempo saiu você, ó abominável homem dos discos, que parece ainda estar preso ao tempo dos fliperamas e das videolocadoras?

Pois continuo, sim. E quando recebo os amigos em casa, não é raro ouvir de um ou outro que sou a única pessoa que conhecem que ainda usa as bolachinhas para ouvir um som. Acontece que, para mim, perder meus discos seria tão traumático quanto desaparecerem todas as fotos da infância, pior até. Minha memória afetiva está fortemente associada à minha discoteca: quando pego um disco nas mãos, lembro imediatamente as circunstâncias em que o adquiri, resgatando a época em que ele esteve grudado no meu CD player e, com isso, seu *tracklist* vai retornando aos poucos em minha mente, fazendo bater a mais saborosa das nostalgias – piá do céu, lembra o quanto você curtiu esse *riff* de guitarra naquele verão?!

Confesso, contudo, que nem sempre as coisas foram assim. Durante alguns anos, rendi-me ao espírito do tempo abandonando também o hábito de comprar discos. Demorou um pouco para que ficasse claro para mim que, com o desinteresse pela mídia física, eu havia me desinteressado também pela própria música, por sua eterna novidade. E desinteressar-se

pela música não seria a forma mais óbvia e banal de um profundo desinteresse pela vida?

Certo é que, ausentes os discos, eu não procurava ouvir o diferente, acreditava-me autossuficiente, meu repertório estava esgotado e me parecia que mais nada seria capaz de me causar impressões tão intensas quanto aquelas que eu havia experimentado na adolescência. Quer dizer, a música já não era pauta de nenhuma de minhas conversas, não me definia e tampouco o fazia em relação às minhas amizades. Sobretudo, eu não guardava mais um tempo do dia para ouvir um som, hábito que adquiri já na infância e vinha cultivando desde então. Como acontece com muitos, a música havia se tornado um pano de fundo para outras atividades cotidianas. Então me lembrei do quanto ela havia sido importante para mim, minha verdadeira tábua de salvação: trancafiado em meu quarto, deitava à cama e, imerso pela explosão sonora de um *heavy metal* qualquer, tirava lá minhas três ou quatro horas por dia para alimentar este prazer. Ah, como é gostoso o inferno da adolescência! Aos vinte e poucos, no entanto, a música havia se tornado uma forma de acelerar o tempo (bota aí um disco pra lavar a louça, vai). Mas para onde tinha fugido todo aquele prazer?

Sei que nem todo o mundo precisa da mídia física para manter algum vínculo mais profundo com essa forma tão nobre de arte. Comigo, todavia, as coisas funcionaram sempre assim. E fico triste quando percebo que aqueles entre nós que valorizamos o formato álbum, uma obra musical de maior fôlego, com estrutura e conceito, nos tornamos já uma espécie de animal em extinção. Nesses momentos, para rebater o bode da idade, volto a algum disco importante de minha formação e nele viajo, embora nunca chegue ao lugar almejado. Porque o que eu queria mesmo era morar dentro de um desses discos que tanto amei.

Que a música – escreva-se e cumpra-se – não tem nada que ver com uma forma de acelerar o tempo, ao contrário: é através dela que melhor sentimos a existência dilatada ao infinito,

esta duração cósmica que nos arrebatava com seu bafo corrosivo, tornando óbvia a nossa ridícula compreensão das coisas e nos atravessando com tamanha força que mesmo o mais esvaziado dos seres seria capaz de sentir a alegria suprema do seu movimento. Que meus CDs funcionem, portanto, como os símbolos de um altar; como as velas acesas de uma oração. O testemunho da minha fé na música. Sim, na música, esse movimento que consola e alucina, provoca, alivia e faz chorar. Que convida o corpo, a alma e o pensamento para um *ménage à trois*. A música, a música, a música: esse embalo inesgotável que vem dos braços macios de Deus.

LITERATURA MARGINAL

Caro poeta; acompanho sua trajetória literária desde o início. Leio os seus poemas desde a época em que ainda os rabiscava num caderninho sujo e, depois, já reconhecido como a grande promessa de nossa comunidade, os pixava no muro do Colégio Estadual General Siqueira, para júbilo dos estudantes e terror da diretora Olívia Gerardi, que sempre encarou suas intervenções artísticas como puro e degenerado vandalismo (até hoje não entende como o senhor conquistou tantos leitores fora daqui). Com isso, declaro-me acima de qualquer suspeita ao lhe remeter esta crítica que, espero, será tomada como justa reivindicação de toda a Vila Auê.

Acontece que nós, os que o elegemos ao honorável posto de nosso representante, estamos algo decepcionados com a sua prolongada ausência junto aos problemas de nosso bairro. Repare: já se vão três ou quatro anos desde que, alçado ao sucesso junto às grandes editoras do país, por todo o lado ovacionado por sua proposta literária *marginal*, vossa excelência nos fez a sua última visita – à exceção de um e outro lançamento de livro, quando o poeta resolve descer do pedestal adquirido para pegar em nossas mãos mais uma vez, tirando selfies na periferia para enviar aos suplementos culturais do Rio e de São Paulo –, estando impossibilitado, portanto, de saber sobre nossas reais necessidades em matéria de representação literária.

Ora, não quero parecer despeitado, mas a verdade é que os moradores de nossa vila queremos saber por qual motivo, por exemplo, a rua prefeito Anselmo – prolongamento recente feito à rua do córrego, obra de suma importância e de que, parece-me, vossa excelência ainda nem tomou notícia – não aparece em qualquer dos poemas de seu livro mais recente, “Parnaso-Auê”, uma vez que nossa comunidade está há mais

de um ano reclamando junto à prefeitura sobre o seu descaso em relação a essa importante via: as obras começaram, é verdade, mas foram interrompidas logo em seguida e, com isso, ficaram ali os buracos e a terra revirada, sem falar no esgoto a céu aberto, de modo que ninguém mais suporta o mau cheiro da vizinhança e nem o lamaçal ali formado, o que, em dias de chuva, torna a rua simplesmente intransitável.

Imagino que tamanho transtorno deveria receber a graça de ao menos um poema, quicá de um microconto, crônica talvez, enfim, qualquer produção de sua lavra. Tal como este, porém, há uma série de outros problemas que estamos enfrentando por aqui e que tampouco apareceram em sua literatura recente, o que nos frustra e até indigna, motivando-me, portanto, à escrita desta carta, com o intuito de lhe cobrar uma visita à comunidade, quando o poeta poderá se inteirar de todas as nossas reivindicações, fazendo jus ao cargo de escritor marginal que, há sete anos, nossa comunidade – que é carente, mas batalhadora – confiou à sua pessoa, esperando com isso algum retorno concreto, sob a forma de obras ou de alguma mínima reciprocidade à confiança que em ti depositamos com tanta esperança de dias melhores.

Sem mais delongas,
assinam esta carta os moradores da Vila Auê
representados pela pessoa de

Marcio Firmino,
Secretário de Comunicação e Assuntos Culturais da
Associação de Moradores Vila Auê

O MISTÉRIO DO CADERNINHO PRETO

Na segunda gaveta do bidê, entre um mosaico de contas, remédios, cigarros e receitas vencidas, estão guardados os registros materiais de algumas das melhores recordações da minha vida. Construí ali um espaço onde memória e esquecimento convivem harmoniosamente: naquele cantinho, ficam esquecidas as coisas que um dia pretendi lembrar. Hoje cedo, depois de muito tempo sem encostar meus dedos nesse arquivo, decidi fuçar a gaveta e, tira isso, mexe naquilo, deparei-me com um empoeirado caderno de confidências. Plastificado em preto e vermelho, o caderno não traz qualquer indício de autoria, mas está intitulado. Com letras tortas escritas com cola colorida, vai nele uma inscrição juvenil: trata-se do meu “caderninho preto”.

Desde a infância que cultivo bolsões de intimidade, sejam eles concretos ou metafísicos – lugares onde se pode guardar o que nos toca. Mania que, para alguém como a minha mãe, obcecada por ordem e limpeza, parecia (e parece ainda) intolerável, se não incompreensível. Morando com ela, tantas vezes impedi o horror que, insensível, ela ousava chamar de faxina. Guardar coisas antigas e sem qualquer utilidade? Coisa de velho rabugento. Nisso vai fora a camiseta esturricada do Zapata. Nisso a coleção de moedas diminui pela metade. Valha-me Deus, quão rabugento sou eu?! Jamais contei para ela, mas acho que já nasci com a alma assim, cansada de tanta novidade. Meu esforço, contudo, valia apenas parcialmente, posta a impossibilidade de um vigia 24h. Vivendo com ela, a lixeira engoliu minha regata daqueles jogos estudantis de 2003, os únicos de que participei em toda a vida escolar (vencendo um gorducho da oitava-série no xadrez).

Contradizendo o meu perfil de acumulador, porém, a destruição é algo que, em mesma medida, sempre me satisfaz. Como aluno colegial, causava-me completo gozo acabar com

o planejamento de meus professores, inviabilizando uma a uma as suas atividades didáticas (especialmente as mais bonitas e bem-intencionadas). E também nesse caderninho de confidências, este que agora seguro em minhas mãos, reside o meu desejo irresistível de subversão.

Os *flashbacks* vão surgindo aos poucos: obra coletiva, cada página traz o olhar de um aluno diferente sobre o cotidiano estudantil dos pátios em que cursei a segunda etapa do ensino fundamental. Inspirado num livro de Ruth Rocha, o projeto estimulava a escrita e a leitura. Abrindo o caderno de anotações, encontro o texto – precário, hoje percebo – da professora Kelly, que lecionou naquele ano a disciplina de português.

A meta do caderninho consistia em reunir as confidências da classe inteira, aluno por aluno. Até ali, faltavam dois ou três participantes. Depois do meu registro, porém, o projeto do caderninho se encerrou precocemente. É que, quem diria, as minhas confidências não saíram exatamente como queria a professora da quinta série e, por sua acidez desenfreada, o texto acabou se destacando entre os demais. Nada que ver com meu domínio da língua. O fato é que, no dia seguinte à minha redação, a turma foi convocada para um bate-papo muito sério à sala da equipe pedagógica. Quando éramos transferidos para essa sala, dava pra apostar tranquilamente no que enfrentaríamos: alguém aprontara uma daquelas, uma cagada muito fétida e volumosa. Pela algaravia dos risos, percebi que alguns dos meus colegas já estavam sabendo do que se tratava. E que o alvo daquela caçada era eu.

Dispostos em círculo, os alunos miravam assustados a expressão triste de nossa professora de português. Com os olhos cheios d'água, respirou bem fundo antes de falar – suas bochechas parecendo duas nádegas rubras e murchas. Daí a ladainha começou: que um aluno ali havia difamado os seus colegas, os mestres e a própria escola em que estudava (ingrato!) no caderninho preto. E que se não fossem as regras que o aluno

tanto criticava, ele jamais conseguiria elaborar uma boa redação – como era a sua, aliás, afora seu teor escandaloso. Escutei com atenção todas as bobagens que a professora Kelly falava, pensando em por que ela simplesmente não dava nome aos bois e dizia de uma vez por todas que o aluno era eu, já que me olhava fixamente, certamente buscando me constranger até o ponto do genuíno arrependimento. Mas sua choradeira se que-ria como um aviso: que a insolência não se repita! Não éramos, de fato, livres para escrever no caderninho qualquer coisa que viesse à cabeça, conforme o prometido. A sugestão de que a escrita nos redimiria, de que a escrita seria um exercício de liberdade, a baboseira toda copiada de algum filme sebo de Hollywood – desses que retratam os professores mediante o uso de um casaco reforçado aos cotovelos –, quer dizer, tudo aquilo que paramentava a pedagogia intuitiva das suas aulas de português, dando-nos esperança de uma vida mais livre, menos sufocante, viera abaixo por conta de meia dúzia de palavras ácidas escritas por um piá-de-bosta como eu. Sua utopia literária não passava de um castelo de palitinhos de dente, pronta para ruir diante do primeiro gesto de insubordinação.

No fim daquela “aula” (melhor seria chamar de intervenção), dispensada a turma, a professora me pediu para ficar. Não é pra tanto, foram apenas palavras, foi o que pensei. Essa velha curte fazer um draminha – deve estar na TPM, ou com depressão, só pode ser isso. Todo o mundo sabe que os professores pegam mais depressão que resfriado. Tudo que eu tinha feito era escrever algumas verdades sobre mim mesmo, sobre como eu percebia o mundo ao meu redor. Exatamente aquilo que ela, disciplinarmente, nos solicitava. A minha rebeldia estava adequada às diretrizes, pois. Eu e minha rebeldia fazíamos parte da ementa. Ainda que um pouco receoso, pensando nas consequências domésticas de uma punição escolar (uma advertência por escrito me custaria quantos dias sem o videogame?), eu me sentia tranquilo, posto ter cumprido simplesmente com o meu dever.

Saíram todos, a porta foi fechada. Para a minha surpresa, tudo que dona Kelly conseguiu dizer foi um resignado “isso já não serve mais”. Assustada feio uma criança diante de seu próprio sangue, entregou-me o caderno, antes de desabar em lágrimas. Meus olhos marejaram também. Eu tinha pena daquela mulher. Como é que alguém poderia chamar aquela chorona de mestre? No estado em que se encontrava, cabia perfeitamente na descrição que eu fizera naquelas confidências desajustadas. Quis dizer alguma coisa – pedir desculpas, confortá-la de alguma maneira, dizer que tudo não passou de uma brincadeira sem graça e que eu valorizava sim as suas aulas de gramática, que queria aprender todos os tempos de todos os verbos possíveis de nossa língua. Queria, sim, mas não consegui dizer nada. Suspirei com o caderno em mãos, olhando algum tempo para a cortina esvoaçante da sala e, sufocado pela brisa, fui embora sem saber o que fazer.

Às vezes, ainda me sinto como aquele guri endiabrado que invocava o pranto às suas professoras do ensino fundamental. Com o mesmo caderno em mãos, abro suas páginas aleatoriamente e me redescubro no seu papel. Estava certa, a professora Kelly. Percebo os borrões de corretivo que, desonesto, fiz no texto dos meus colegas, adulterando o que ali escreveram. Fui um aluno terrível, como não? Difamei-os por meio de um vergonhoso palimpsesto juvenil. Mas sei, desde o mais fundo do peito, que o que a tinha feito chorar não era nada daquilo. Não foram as mentiras que imprimi sobre o texto dos colegas que causaram todo aquele alvoroço emocional. Ao contrário, foram as verdades do meu julgamento que a botaram de joelhos, implorando pelo meu silêncio – que eu nunca mais voltasse a escrever daquele jeito rude e abominável, que eu nunca mais fizesse aquilo outra vez.

A professora Kelly não podia suportar o fato de que, estimulando a turma a escrever algumas intimidades, alguém o fizesse com tamanha sinceridade, de modo tão fiel e despretensioso, que as páginas do caderninho de confidências

se tornassem um retrato intolerável da nossa vida de todos os dias, das nossas miudezas e vergonhas, das nossas falhas e imperfeições. Eu estava nu diante da classe toda, e assim ela também. Com isso, a professora revelava suas varizes para um bando de crianças mal educadas que começavam a perceber que, por trás da aparente solidez das convenções, havia uma trinca, havia uma fissura – as varizes da professora Kelly estavam prestes a explodir, provocando uma hemorragia no coração de todos nós.

E a despeito de todo o resto, decifrando os garranchos daquele tempo, consigo identificar ainda um texto que, repleto de erros ortográficos e de pobres construções sintáticas, consegue me provocar o riso, sim, que me faz gargalhar a valer – rir, rir muito, rir bastante, rir demais dos coleguinhas da escola, da professora Kelly e do gorducho que venci trapaceando no xadrez, rir de mim mesmo e da ironia incipiente daqueles dias, e então eu percebo que o meu caderninho de confidências não passa de um enorme livro de piadas, e que não se resume ao encadernado em preto e vermelho: o riso se espalhou por todos os livros da biblioteca que construí, por tudo que já li e escrevi ao longo da vida, contaminou a mais alta e pretensiosa literatura da prateleira do tempo, as grandes obras, tudo isso como uma grande e majestosa piada que se esparramou pela história e eu continuo sem saber se ela já estava por aqui quando cheguei ou foram os meus olhos, os olhos marejados de quem retorna ao passado, que a colocaram na superfície de tudo, tentando desafogar as verdades insuportáveis que os anos me colocaram diante do nariz.

Folheando novamente o caderninho, porém, ocorreu-me um dado que até então me passara despercebido: em todos os textos dos colegas, há o registro de parabéns da professora Kelly, exceto pelo meu, que permanece em aberto, como uma ferida no papel. Cortando meu nostálgico devaneio, limpo a lágrima peralta que escorre do cantinho dos olhos, fecho a gaveta do bidê e continuo sem nada que dizer. Não posso e

nem quero me pronunciar. Por um breve momento, sinto a culpa pousando como uma varejeira à consciência.

Quem sabe a solução fosse procurá-la pela cidade e, ainda que tardiamente, pedir o seu perdão. A ideia logo se desfaz. Foi ela quem solicitou o rasgo em nossa privacidade, o acesso público à nossa percepção do mundo. Que mais podia eu, mero estudante alérgico a toda autoridade, senão cumprir como podia o meu dever?

Serei assim tão monstruoso? Comovido pela digressão, vasculho a gaveta em busca de uma bic vermelha. Não encontro. Busco-a, então, em minha mochila de trabalho, no penal que uso quando, fora de casa, visto minha capa de herói inexistente, tornando-me eu mesmo o professor. No texto derradeiro, rabisco o meu próprio visto e, borrando a folha amarelada, a tinta da caneta vaza, destravando um suspiro há tantos anos resguardado. Está resolvido – penso, com grande alívio – o mistério do caderninho preto. E eu, um traste que não leva nada a sério, estou enfim de parabéns.

MENINO LOBO

De tempos em tempos, flagro-me relendo – com o mesmo prazer de tantas outras vezes – a impagável reportagem publicada pela Gazetinha de Riomafra; a edição fatídica que hoje repousa em minha escrivania, à espera, talvez, da hora em que receberá sua devida moldura e, como um troféu, será orgulhosamente exibida para todas as visitas. Deitando meus olhos sobre o absurdo de seu teor, ocorrem-me certos teóricos da pós-modernidade, daqueles que, com seu habitual hermetismo, buscam nos convencer do entrelaçamento entre fantasia e realidade nas sociedades capitalistas avançadas. Confesso que sempre desconfiei desse tipo de acadêmico, que enche a boca de vento para falar da obnubilação das fronteiras entre o mito e a história no mundo contemporâneo. Ocorre, porém, que meu ceticismo rabugento se abalou completamente mediante uma dramática experiência de observação *in loco* da proclamada diluição das fronteiras entre o real e o imaginário nas páginas, quem diria?, do maior jornal impresso de Rio Negro, berço geográfico deste que vos escreve e principal metrópole de corruias e canários do sudeste extremo do Paraná.

Eu, que com apenas oito anos já entendia que a tolice é um parasita vingativo e que, além do mais, jamais engrossei as fileiras do clube de escoteiros de minha cidade, e isto por pura aversão aos termos oficiais da instituição, recusando-me a ser chamado de *lobinho* por aspirantes à pedofilia especializados em nó de marinheiro, eu jamais imaginaria que, mais tarde, já pelejando para manter a dignidade possível de uma vida adulta, receberia de bom grado a alvissareira alcunha de *menino lobo*. E não apenas entre os pederastas aventureiros de plantão, mas também entre a grande massa de apicultores matutos e produtores de tabaco acometidos por rosáceas que, temperados por sua orgulhosa ascendência bucovina, encarnam as estatísticas demográficas de minha cidade natal.

O caso se deu da seguinte maneira: prestes a lançar o romance *Conexões Perigosas*, ainda ao calor dos 25 anos, encontrei-me perturbado por uma fofoca um tanto inverossímil, que me chegou através de um telefonema de minha mãe. Com uma afobação estranha, ela me questionava sobre uma estória que, àquela altura, já circulava pela cidade inteira, gerando um misto de escândalo e riso: a de que eu havia sido preso e, uma vez no presídio, sofrido com uma tentativa de homicídio. Mas não só isso. A fofoca também dizia que eu havia sido internado em uma clínica de reabilitação. E viajado ao Nepal com um bilionário *hare krishna*. E, o que é mais impressionante, tudo isso havia acontecido em um mesmo ano, os loucos meses de 2013, sem que ninguém desconfiasse das tresloucadas aventuras a que me entreguei naquele período – digamos – um tanto tumultuado de minha vida, se bem que mantendo uma aparência tão ordinária e banal. Nós estávamos no final de 2014 e, aos meus familiares, o que mais os intrigava era, sobretudo, o meu poder de discrição.

É que o jornalismo (sic) rionegrense, num ato bastante louvável de bairrismo cultural, ficou sabendo do lançamento do meu romance e, visando dar publicidade ao evento, resolveu publicar uma matéria inteira sobre esse peculiar “talento local”. O problema surgiu quando, na pressa despreparada da redação, à cata de uma biografia para figurar ao lado da minha foto de autor, a gazetinha cometeu uma gafe terrível: no afã do mais primário Ctrl C + Ctrl V, alguém da equipe copiou uma biografia fictícia, originalmente publicada em meu blogue pessoal, cuja proposta era justamente a de satirizar o gênero, exagerando na bizzarria dos detalhes a fim de produzir um efeito jocoso. Tudo bem que eu mencionava alguns elementos da minha trajetória real, como a formação acadêmica e as publicações literárias, mas, para além de todos os dados objetivos, eu acreditava não ter deixado qualquer margem para o erro ao formular uma identidade sobrecarregada da mais curiosa extravagância, para dizer o mínimo.

Explico: contrariando as modalidades mais corriqueiras de criação entre os membros de nossa espécie, em minha autobiografia ficcional, eu alegava uma infância desprovida de qualquer contato com famílias humanas tradicionais, dessas que sonham em ter um carro do ano ou uma aposentadoria por invalidez. Não, minha formação era bem outra: do nascimento à adolescência, eu ficara sob os cuidados de um atencioso e desprendido casal de lobos que, à revelia de nossas uivantes diferenças, batalhava cotidianamente pela nossa união afetiva. Daí que logo eu me tornasse, na boca miúda de meus conterrâneos fofosqueiros, o menino lobo de Rio Negro, posto que os leitores do jornal, ao contrário da sua equipe de redação, não passaram em branco por tão pitoresco acento no esforço biográfico.

Frente ao apelo dos familiares – os biológicos, não aqueles ficcionais –, que acreditavam estar diante de um legítimo crime contra a honra, cheguei a cogitar uma retratação no periódico, publicada às páginas da edição seguinte. Sentindo, porém, a dimensão oceânica do esculhambe involuntário que eu havia cometido com o bem-intencionado repórter da gazetinha, repensei minha estratégia de reação e, convulsivamente, passei a rir, rir aos borbotões, rir como um lobo criado por hienas, possivelmente batendo algum recorde obscuro da mais longa e ininterrupta gargalhada já proferida até então. Como explicar isso? O fato é: eu me caguei de tanto rir¹.

Concluindo este torto raciocínio, entretanto, retorno ao equívoco contido à minha hipótese inicial. Tão rápido quanto abracei a tese de um mundo diluído pela vertigem dos discursos, percebi-a também como, embora requintada, ineficiente na explicação do fenômeno. O caso era mais chão. O *insight* veio alguns dias atrás, em sala de aula, quando lecionava Roma Antiga para uma turma da área rural de Ponta Grossa. Confrontados com a imagem de um monumento em referência à lenda de fundação da cidade, meus alunos ficaram intrigados com a

¹ PS: neste ponto, há ocorrência de linguagem figurada.

criação pouco convencional de Rômulo e Remo. Num primeiro momento, pareceram desorientados quando, conforme a minha incansável predisposição para confundi-los, afirmei que se tratava de uma história real. Algum tempo depois, porém, deglutindo o fato, meus pupilos pensaram melhor e, como era de se esperar, nenhum deles engoliu a abordagem literal do mito. Meus alunos do sexto ano não conseguiam acreditar que um homem pudesse ser amamentado por uma loba. Conteí a eles, então, a respeito de minha excentricidade biográfica. Com os risos de incredulidade que eclodiam na classe, tive a certeza de que, afinal, o jornalismo de Rio Negro não tinha nada que ver com essa tal condição pós-moderna: triste constatação, havia excessos na minha análise. Resolvi, portanto, fazer uso de uma afiada navalha de Ockham, concluindo a favor do bom senso.

A história do menino lobo não tinha qualquer requinte filosófico, aceitei enfim. Era mesmo um lance de quem nunca ouviu falar em figura de linguagem. Daquele tipo de gente que, lendo este relato, é bem capaz de acreditar que, alimentado pela teta macia de uma carinhosa loba, eu gastaria o precioso tempo que me sobra nesta vida escrevendo sobre essa pasmaceira a que jornalistas de meia tigela costumam chamar de “realidade”. Só mesmo se – ficção das mais inverossímeis – eu não tivesse mais nada que fazer. Neste caso, contudo, melhor seria viciar numa droga nova, praticar alguns crimes ou, mediante o auxílio financeiro de um amigo bilionário e orientalista, fazer as malas e viajar mais uma vez para o Nepal.

**QUASE FICÇÃO,
QUASE MEMÓRIA**

UM MANUAL PARA FAZÊ-LA CHORAR

Ter uma irmã mais velha é perder todas as disputas pelo controle remoto da TV ou pelo melhor assento do sofá. É fechar o tempo por um desenho animado qualquer e ficar de mal uma semana inteira, porque aquele episódio dos Simpsons que ela lhe impediu de assistir era justamente o que você mais queria ver, e o que está feito está feito, só o que importa agora é qual dos dois encontrará o xingamento mais preciso. Sim, ter uma irmã mais velha é brigar muito pelas primeiras bobagens que aparecerem pela frente, e essas brigas são as únicas que realmente valerão a pena em toda a sua vida, mas isto você perceberá somente no futuro, quando já não existirem mais motivos para brigar.

Mas não é tudo. Ter uma irmã mais velha também é ir percebendo aos poucos o quanto a vida pode ser generosa com os homens, mas nunca do mesmo modo com uma mulher. Não somente porque você, pequeno macho sonhando estrelas, estará desobrigado a pensar na louça suja ou nos frisos do lençol, mas, sobretudo, porque aquilo que exigirão de você é que ao menos tenha consciência no uso do seu tempo livre, enquanto que, de sua irmã mais velha, ao contrário, exigirão que esteja sempre ocupada, que seja útil e tenha sempre algum trabalho a fazer. Mas isto você esquecerá rapidamente, quando estiver naquela farrá que somente os homens receberam permissão – deste mundo de homens, deste mundo para homens – para participar. E sua irmã mais velha não reclamará disso; quer dizer, não tanto quanto poderia, porque já aprendeu das coisas que valem a pena serem ditas, enquanto você, como homem, continua tagarelado como na infância, embora agora sob esta nova e patética forma: a de um descontrolado debatedor político (um desses gozos ridículos de todo homem que, por ser homem, julga-se apto a solucionar todos os problemas

do mundo – mundo de homens, mundo para homens –, em que pese não saber lidar com uma furadeira ou trocar o sifão da pia). Ter uma irmã mais velha é aprender no miúdo da vida sobre a força imensa que habita o interior de uma mulher.

Ter uma irmã mais velha é conhecer a princesa mais bonita que existe, esconder o ciúme quando ela chegar em casa com seu primeiro namorado, perder o sono como estratégia inconsciente para atrapalhar o seu romance no sofá da sala, depois dormir e, sonâmbulo, voltar àquela mesma sala como um zumbi, a fim de disputar uma vez mais o seu carinho e o seu amor, sua atenção. Isso até o dia em que o tempo finalmente lhe ensina que a felicidade é sempre um enigma no coração do outro, e então você aceita que sua irmã continuará sendo sua, mas também do mundo inteiro, e antes disso será sempre dela mesma, e que a sua beleza depende integralmente da sua liberdade.

Ter uma irmã mais velha é receber provocações insuportáveis sempre que a sua fanfarronice infantil importuná-la numa tarde de tédio e marasmo. E se você for uma criança muito sensível, ter uma irmã mais velha também pode significar ter alguém que lhe fará chorar o tempo todo, pelo simples prazer de lhe mostrar quem está no controle – e dessa vez não me refiro ao controle remoto da televisão: às vezes, ela agirá como uma torturadora íntima, a quem você teme, mas, estranhamente, jamais deseja escapar. E o contrário, fique sabendo, é sempre algo mais complexo: caso você busque a sua vingança, mesmo que tardiamente, perceberá que, para isso, precisará de todo um manual para fazê-la chorar.

Ela, porém, continuará lhe fazendo chorar pelo resto da vida, mas depois pelos motivos corretos: você vai segurar o choro no seu casamento, porque é adolescente e as emoções fraternas já lhe pegam mal, mas vai derramar muitas lágrimas quando ela lhe mostrar o primeiro sobrinho, e o mesmíssimo acontecerá quando aparecer o segundo, e novamente quando, quem sabe, se você aprender a se comportar antes dos trinta,

ela lhe convidar para ser o padrinho do caçula, e então você vasculhará sua memória em busca do retrato mais antigo que dela possui e, se ela lhe sorrir com uma fresta entre os dentes (como no mais belo sorriso da infância), você provavelmente vai chorar mais uma vez, pois uma criança sensível está condenada a continuar sendo criança e sensível pelo resto de sua vida, mesmo quando ela já nem mesmo conseguir enxergar a própria infância pelo espelho retrovisor.

Ter uma irmã mais velha, portanto, é um bocado de coisas que você guardará para sempre, mas nem sempre saberá partilhar. E para isso escreverá algum poema imperfeito – o seu minucioso manual de vingança –, para dizer das coisas que, por ser eternamente menino e não saber nela auscultar ao peito as suas profundezas insondáveis de mulher, você guardou a vida inteira – se bem que inutilmente, se bem que a fresta entre os dentes em seu sorriso de menina, se bem que as lágrimas gravadas nos olhos meus, nos olhos dela, ao nosso olhar.

VOU PROCURAR A MINHA TURMA

A minha turma é bem outra, mas certamente já trombou com a sua galera alguma vez. Talvez, vocês a tenham visto passear pelo bobódromo domingo às seis, em direção à praia da beira, ou ainda recostada na mureta ao lado do ponto de táxi. Não, não é essa turma que você pensou. A minha turma é aquela que, quando o Rio Negro chama à brisa, brilhando a sua lua de sereno, uiva pra noite ou some na penumbra das ladeiras – fuma um dois pelas esquinas, se esquece no posto de gasolina e fica nele até chegar alguma luz (de um giroflex ou do primeiro raio tímido do sol).

Da minha turma eu falo e lembro de quem jogava uma sinuca vertiginosa no Ponto Sete, ao som de algum hit nordestino brega e invocado, Lairton dos Teclados ou que tal, porque naquele antro de perdição a mesa era tão torta que até o mais pereba de todos, que era eu, conseguia acompanhar as tacadas do Didi, do Ricardo e do Luiz (que eu não devia citar aqui, porque esse meu maninho agora é um homem respeitável e não frequenta mais esse tipo de ambiente, mas eu o cito mesmo assim).

Da minha turma eu falo e lembro quem tocava *heavy metal* na garagem do Adriano ou na casa dos feios, que na verdade são três irmãos bem bonitos – o Alessandro e mais a sertaneja dupla Leandro & Leonardo, que juntos formavam um *powertrio* fudido, fazendo um quatro com a benção etílica do maestro Velho Barreiro. Dessa turma, a gente tinha uma fanfarra inteira de metal pesado: era o Paulo e o Bruno debulhando notas numa competição de foro íntimo, os verdadeiros *guitar heroes* da minha adolescência, com quem eu aprendia só de observar; mas era também o Mateus fazendo um mirabolante rock canhoto, dando um nó na minha cabeça; o Eduardo, monstro galã atrapalhando a sesta da minha irmã ao compor um punk rock ou

thrash metal no violão; e ainda o meu mano Bill, rei da batera dançarina, que faz a festa no tapete improvisado, esse que se escafedeu para outras turmas deixando em mim as memórias mais bonitas de descoberta (de saber aos poucos quem a gente é e, mais que isso, de quem a gente quer e não quer ser).

Da minha turma eu falo e lembro quem me acompanhava na Igreja. Sim, já fui carola noutros dias – toda quarta à noite um garrafão de cinco litros na matriz. A vida louca das feirinhas magras com o Gilberto, com o Gadeia, com o Iran, com o Jorri-lho e o Halloween – e tanta gente que eu nunca mais nem vi! E a turma era bem grande, mas as histórias sempre se cruzavam: na quinta de manhã, eu babava a minha letargia adolescente no Colégio Mafrense, sentado na carteira vizinha à do Carlão, que me salvou da reprovação em química no segundo ano e me apresentou ao seu primo Gilson, e logo percebemos que a nossa turma não precisava coçar o saco e arrotar o tempo inteiro, que o que precisávamos mesmo era da amizade das gu-rias, para aprender a ser mais gente (e antes disso eu queria ser amigo das meninas da escola, mas nem sabia como, por isso fui um péssimo colega para a Mari, para a Bruna, a Eliane – as meninas legais da minha escola).

Então vieram a Julia e mais a Vane e mais a Thassi, e mesmo a Jéssica, que já conhecíamos de outros gibis, mas não a ponto de saber que era das nossas, e tanta gente massa que depois foi uma por uma aparecendo, que aí a gente já formava outra turminha derivada da primeira e se bandeava pros lados do Armazém na sexta à noite, ver mais um show da Daisy Confusa tocando Mutantes e Rolling Stones, cantar *uh-uh* no microfone da Tânia e ouvir a magia do teclado do Cassias, tudo isso enquanto o Schossig registrava os milagres do rock n' roll com sua câmera, nem sei se analógica ou digital. E a memória já nem lembra onde foi que eu conheci a Manu, mas foi também por esse tempo, e a sua amizade era como um elixir alucinógeno (e quanta coisa bonita assim entregue eu aprendi a desvendar).

Então Riomafra foi ficando tão pequena, e o mundo tão mais longo, porque a minha turma foi para a cidade vizinha e por lá até formamos outra banda, comendo rollmops com o Costa, o Chapinha e o Chileno, e era tudo tão espontâneo que até baixista um dia eu pude ser (e o contrabaixo que eu tocava era do Christian, depois do Ricardinho, de modo que nunca tive um baixo meu, nem aprendi a tocar o instrumento – mas aquele Aerosmith até que rolou legal, né não, meus amigos?).

Ah, mas tem também aquela turma que andou comigo por mais tempo! Da minha turma eu falo e lembro os amigos da escola, das *lan-houses* e RPGs: o Alexandre, vulgo Musashi, inseparável nas noitadas de batida Joinville; o João Ricetti, pra sempre o amigo de infância, desses tão raros que a gente gosta alternando entre o cuidado e a sede de provar do melhor, como um uísque herdado do pai; e quem chegou por último foi o Paizani, mas ninguém jamais reclamaria se esse nosso irmãozinho se sentasse na janela, porque o seu olhar doce parecia sempre nos exigir uma outra gentileza em retribuição. E a minha turma sabe o quanto gosto dela porque, mire e veja, nunca joguei RPG ou *Counter Strike* ou qualquer outro desses jogos de tiro que faziam a cabeça da piazada do meu tempo, mas eu ia, eu sempre ia (primeiro na Praça João Pessoa, depois passando a ponte, quase chegando no Emacite) dar aquela banda na *lan-house* e bater papo na calçada – eu ia apenas pra fumar um cigarrinho em frente ao Barão, eu sempre tinha algum motivo para ir, e o motivo era só esse, era rever a minha turma.

E essa turma, que tantas vezes vi como faísca em mato seco, essa turma é que é a minha e me salvou da hemorragia da adolescência – meu coração sangrava sem saber por quê. E eram muitos, de modo que seria impossível não esquecer de alguém no banheiro daquele bar sujo, não magoar um dos nossos pela falta neste mural de memórias e amores no tempo.

E fora isso, bem, fora isso é só a vida se encarregando das distâncias e dos estranhamentos, são as outras turmas que eu descobri fora de lá. Mas, juro a vocês: dentro de mim, é essa

a turma que eu continuo procurando, e mais que isso, que eu continuo encontrando pela vida. É essa a turma que eu insisto em procurar aqui e ali – aqui, ali ou em qualquer outro lugar –, e logicamente que ainda a encontro, porque essa turma é, no limite da verdade, a única turma que existe, pois dentro de mim todas as outras fazem parte dela, pois dentro de mim ainda ecoam suas risadas e acordes distorcidos. E é só assim, junto dela, que eu me encontro. E é só assim, junto dela, que eu crio coragem para me perder. E é só assim, junto dela, a minha turma, que eu compro a briga desse grilo de viver.

Agora, se vocês me dão licença, vou indo nessa; vou lá pra lá do outro lado do avesso do rio (que os meus já sabem de coração onde eu me escondo): vou ver se encontro a minha turma a cantar.

O OLHO ROXO DO DIDI

Naquela noite, bebíamos em frente ao Clube Rionegrense, como era hábito entre os meus. Lá dentro, alguma moça de alguma outra turma debutava, como era hábito entre os dela. Aos 15 ou 16, eu ainda não tinha me apegado demasiado ao relógio, de modo que não tenho como saber que horas eram quando tudo aconteceu, mas faço ao menos uma ideia, pois, justo naquele momento, deixei Didi na esquina com uns caras que a gente conhecia só de vista e fui acompanhar a namorada até em casa – com isso, chuto que fosse meia-noite, no máximo umas duas da manhã. Quando voltei da caminhada – que merda é essa?! – o olho roxo do Didi já estava lá.

Didi andava bebendo demais. E ficava chato quando estava embriagado. Mais chato ainda com os outros, vale frisar, com os que não eram da nossa turma e, por isso, não tinham a menor paciência para ouvi-lo filosofar. E ele filosofava, sim, julgando ser um tipo de Sócrates das bebedeiras & madrugadas provinciais. E foi assim que o Musashi – que era dos nossos, mas estava infiltrado na festa, saindo às vezes para fumar um cigarrinho com a gente – me contou o que aconteceu: “o Didi tá muito louco, cara, quis botar banca de intelectual pra cima dos caras e levou; não tive como ajudar”.

Depois voltaram para a festa, os putos – foram curtir sua balada. Covardes! E a porrada... Qual porrada... Que porrada! Tão em cheio o acertaram que sua face estava parecendo uma mistura do homem elefante de Lynch com uma beterraba pulsante (feia ao ponto de esvaziar minha leveza de gole, quer dizer, a bebedeira passou num repente). Então eu estava ali, subitamente sóbrio na esquina do Rionegrense, completamente careta, imaginando que diabos eu devia fazer, agora que o mal já estava consumado. Era isso e o Didi, que ainda esbravejava da sarjeta, chamando seus agressores de selvagens ou qualquer

coisa que o valha, embora o som alto da festa neutralizasse completamente os seus urros guturais.

Passado um tempo, esfriamos um pouco a cabeça – o quanto era possível numa situação como aquela – e decidimos que ele dormiria na minha casa. Afinal, sua mãe não podia acordar e dar de cara com aquele monstro dormindo no quarto do seu filho, sentando-se despretensiosamente no lugar do seu bebê para cumprir o jejum. E estávamos apenas os dois por ali (os outros caras eram somente uns figurantes, ao nosso modo de ver). Seus agressores, é evidente, estavam numa posição muito confortável, de ampla vantagem numérica, junto do seu bando, curtindo os quinze anos de alguém que nem sequer nos conhecia. É isso, vamos embora lá pra casa, Didi; já deu o tempo de ficar aqui.

Mas Marte não queria dormir ainda e tratou de esquentar a noite outra vez. No passo miúdo da subida, quando já estávamos a uma quadra do nosso destino, passamos pela frente da casa do Gadeia – por um curto período, eu e ele fomos quase vizinhos – que, qual não foi minha surpresa, estava dando uma festa para os seus chegados. Churrasco, talvez, mas que seja – para nós, churrasco também era festa. O cabeludo era dos nossos. Convinha entrar ali e dar um olá. Quando defendi essa tese ao Didi, minha ideia era dar um tempo naquela festa para passar um gelo no seu rosto deformado, o que poderia ser algo mais tenso na minha própria casa, na eventualidade de os meus pais acordarem com o barulho do monstro filosofal. Quando o Gadeia viu o estado em que o Didi se encontrava, contudo, não deu outra: “quem foram os vagabundos que fizeram isso com o Didi?”. Contei a ele toda a história e, com a firmeza de um general de campanha, nosso amigo convocou todos os homens de sua festa para uma guerra de vingança.

Para o susto dos convidados que estavam por ali, na frente do clube tradicional da cidade, nosso bando chegou ao Rionegrense fazendo *tin tin* com as garrafas de *tubão*, destilando a sua fúria em brindes efusivos e espalhafatosos. Mas

não podíamos entrar lá, é claro, onde estavam os agressores do Didi, felizes da vida, tomando bebidas bem melhores do que as nossas. Vamos ficar aqui embaixo até a hora em que esses filhos da puta aparecerem, é isso o que vamos fazer, disse o Gadeia, no modo motivacional. E ficamos mesmo, horas e horas, a turma toda, bebendo, cantando, gargalhando (até mesmo o Didi, com seu indefectível olho roxo), mas os desgraçados não apareciam nunca. Então nossa motivação foi minguando com a lua e, pra lá das cinco da manhã, a festa quase vazia, julguei que os caras talvez já tivessem dado o fora dali, saindo por algum caminho misterioso que não percebêramos ou desconhecíamos, porque já estávamos muito cansados daquela noite e, sejamos francos, podemos ficar aqui por muito mais tempo e, no fim, não encontrarmos nada nem ninguém para enfrentar.

A turma toda concordou. Até mesmo o Gadeia, a quem agradecemos pela camaradagem; eu e o Didi, que naquela altura já estava completamente sóbrio e não queria mais dormir na minha casa – ia direto para a sua, enfrentar a fera que, dentro de instantes, possuiria a sua mãe. Com isso, o sol já ensaiando a sua aparição, cada um seguiu o seu caminho. Não me recordo se o Gadeia subiu comigo a ladeira do centro de Rio Negro. Talvez tenha partido pra outra festa – naquele tempo a vida inteira era uma deslumbrante festa, mesmo quando estávamos em guerra –, mas já deitado em minha cama, antes de dormir, lembro que simplesmente não conseguia parar de pensar no seu gesto tão profundo de amizade: não éramos assim tão íntimos a ponto de, mas nosso amigo encerrou uma festa na sua própria casa para – quanto desnível nessa troca! – comprar uma briga com os caras que bateram no Didi.

E foi bom, bom demais, que os trogloditas tenham passado impunes pela madrugada. Porque a batalha, naquela noite, estragaria a lua que nos iluminava. Porque uma guerra, qualquer guerra, não vale mais que uma noite embriagada entre amigos. Porque o mundo bate muito, e bate forte, e bate em cheio, mas, se você tem um bom camarada, sabe que é possível continuar.

Que é possível esperar junto dele pela próxima aurora. E você pode até não vê-la muito bem, porque os seus olhos estão miúdos, esbugalhados por um *jab* de direita, mas sabe que ela está ali porque – feito o próprio sol também fosse da nossa turma – ela não falha, porque a aurora sempre vem.

MÁS COMPANHIAS

Em que pese a forte concorrência que, nos anos 2000, a cena metal de Rio Negro apresentava a esse respeito – com sua biodiversidade formada por cobras, lagartos, monstros, esquilos, urubus, touros e cabras (isso para não falar nos cogumelos, porque são fungos, ou nos canibais, que embora cultivassem os mais estranhos hábitos alimentares, eram ainda de nossa própria espécie) –, o mais exótico dos animais noturnos que conheci pelas esquinas de minha cidade foi um Coelho. Com seu olhar vítreo e atitude distante, no quesito esquisitice, esse camarada batia toda a nossa fauna *from hell*.

Tatuado dos pés à cabeça, o herói *black metal* provocava o conservadorismo provinciano de nossa cidade espalhando marcas e símbolos diabólicos pelo próprio corpo que, aos trinta anos, já parecia algo como uma Capela Sistina de Satanás, um templo de carne e osso devotado a Belzebu. Para dar uma dimensão das suas intervenções, imagine que o demônio tatuado no couro cabeludo – diabo inacabado que, ao movimento da cabeça, abria e fechava os olhos, como se vivo estivesse – não era o seu maior feito: seu grande orgulho era o meia-meia-meia “artesanalmente” escarificado na barriga, quer dizer, a imensa cicatriz com o número da besta que, troféu do artista, fora talhada por suas próprias mãos.

Radicalmente romântico em sua marginalidade existencial, mais que o som pesado, Coelho curtia o extremo do estilo de vida associado à tribo do metal, o que se notava pelo visual carregado e, sobretudo, pelas atitudes tresloucadas. De modo que qualquer pessoa que tenha tido com ele algum grau de convívio, mesmo que mínimo, certamente lembrará alguma história insana em que o Coelho foi o vilão protagonista. De minha parte, nunca fomos exatamente amigos, mas trombava às vezes com a figura, trocando diálogos mínimos, às vezes um

copo de *tubão* – o que, comprovando a minha tese, foi o suficiente para conhecer abundante material biográfico do cara, o bastante para um livro inteiro de crônicas – e desses livros grandes, que param em pé. Hoje, porém, resgato uma história de cunho doméstico, que guardei na memória pelo seu quê de inusitada contravenção.

Como disse, nunca fui amigo – no sentido profundo da palavra – do Coelho, embora tivesse lá alguma simpatia por seu espírito *outsider*. Minha desconfiança em relação à sua postura começou quando, numa das fases mais conturbadas da adolescência, momento em que os conflitos em família se acentuavam à mesma proporção em que aumentavam minhas saídas noturnas para curtir o *underground* interiorano com os amigos, meu pai chegou a mim e, com notável preocupação à têtora, aconselhou-me: “toma cuidado, piá, tô sabendo que você está andando com um pessoal barra pesada”. Não entendi nada, mas tratei de sair logo em defesa dos meus amigos, o que é outra forma de dizer “em minha própria defesa”. Imaginei que, sei lá, numa noite qualquer, alguém pudesse ter passado pela praça da matriz e, por uma infeliz coincidência, ter me flagrado justamente a beber com o Coelho, com o Bode ou com o Gago – ou alguma dessas outras personas que, para uma família católica, como a minha, possuíam aspecto macabro e tenebroso, mas às vezes paravam pra matar um tempo com a minha moçada na esquina (que era bem outra, diga-se, embora o *heavy metal* fizesse alguma liga entre todas essas gangues).

Nada. Na medida em que a conversa se desenrolava, fui percebendo que a situação era exatamente o inverso do que imaginei. Ocorre que, não fazia muito tempo, nossa casa tinha sido roubada e, papeando no bar sobre o B.O., meu pai recebera um conselho de ninguém mais ninguém menos que o Coelho, que jogou uma generosa porção de pulgas na orelha do velho: “não é por nada, parceiro, mas pode ser que o ladrão seja algum amigo do teu filho. Tem uma galera da pesada andando com ele. Não fosse por mim, teu piá tava lascado – eu sou o anjo da guarda do Marco”.

As coisas ficaram realmente estranhas e confusas em minha mente. Subitamente, senti-me numa espécie de mundo invertido. Meu pai tomando conselhos com um notório satanista? Coelho, meu anjo da guarda? A minha turma da pesada? Que porra é essa, maluco?

Alcólico contumaz, descobri ali que o Coelho costumava frequentar o mesmo bar que o meu pai, o que resultava, obviamente, em uma troca de ideias relativamente regular – em conformidade com a solidariedade cúmplice que somente os bares conseguem produzir entre homens tão diferentes. O que mais espantava, no entanto, era o conselho do Coelho, que raramente aparecia nos rolês da minha turma e, quando aparecia, logo nos deixava, sumindo ao lapso de uma oferta de ilícitos na esquina seguinte. Evidentemente que o sujeito devia estar fazendo piada comigo, aprontando uma arapuca para aquele jovem que, quando comparado a ele, parecia o mais careta dos defensores da moral vigente. Sua advertência *nonsense*, no entanto, continuou ecoando por algum tempo lá em casa, levantando suspeitas que, embora fossem legítimas (pois é dever de todo pai zelar pela segurança de sua casa e pela saúde mental de seus filhos), pareciam-me completamente infundadas. À revelia do seu defeito de origem, porém, a ideia de que eu andava com más companhias foi se consolidando no senso comum da família, passando a integrar nosso vocabulário cotidiano à maneira de uma realidade até mesmo trivial, como se estivéssemos falando de amigos que vieram de longe ou que torcem por um time rival.

Más companhias. Sim, eu flertava com o abismo, estava praticamente matriculado na escola da bandidagem. Não obstante, dei corda nenhuma para a teoria da conspiração. Além de tudo, nunca mais vira o Coelho dando banda pela noite – meu anjo claramente me deixava livre para fazer a merda que eu quisesse. Até que, meio-dia de um sábado qualquer, suado de andar no sol a pino, chego da rua e me deparo com o *freak* tomando uísque em nossa sala de estar, na heterogênea companhia

de meu pai. Incrédulo, cumprimento o Coelho, que me olha como quem diz “e aí, gostou, mané?”, e, beliscando meus braços para ver se acordava, vou conversar com a minha mãe, que terminava o almoço na cozinha. Baixando o volume da voz, pergunto a ela o que está acontecendo, recebendo como resposta um protesto indignado: “teu pai parece que ficou louco, agora deu pra trazer um tipo desses pra dentro de casa!”. Apesar da indignação da matrona, a visita foi breve. À falta de um convite para prolongar o papo, o Coelho tomou o seu copo e foi embora. Depois, à mesa, o pai nos explicou que trouxe o homem porque estavam combinando a execução de algum serviço no quintal, trabalho que ficara para outro dia.

Eu continuava achando tudo muito estranho, mas fiz uma brincadeira sobre estar preocupado com as amigadas do pai, que claramente estava andando com um pessoal *bem barra pesada*. A mãe concordou. Rimos disso, eu e meus pais, e, diante daquela situação, senti uma leveza que há tempos não sentia. Para completar o caso, o velho me contou que, como os dois frequentavam o mesmo bar, às vezes oferecia uma carona para o Coelho, que não tinha automóvel.

Meu pai estava ficando amigo daquele cara? E o que mais, depois? Uma tatuagem de demônio no pescoço? Um disco do Burzum no CD-player do carro?

Qual o quê! Aquilo não podia durar.

Não deu outra: passado algum tempo, a extravagância de seu satânico parceiro acabou rompendo a fragilidade dos laços que começavam a se estabelecer entre os dois. Da gota d’água, porém, tomei notícia naquele fatídico dia em que, ao chegar do bar, um pouco mais irritado do que o habitual, o velho largou essa:

“Putá que o pariu! Acabou a carona pra esse maluco!”

“Que aconteceu, pai?”

Era o seu amigo *black metal*, claro, que tinha aprontado uma daquelas. Ocorre que, pouco antes da nossa conversa, prestes a ir embora do bar, o pai confirmou ao Coelho sua

carona de praxe e, indo a um canto, o caroneiro foi buscar um seu pertence desajeitado, que tinha guardado fora do recinto, feito fosse um incômodo guarda-chuva molhado. Meu velho já estava no carro quando o satanista apareceu com a surpresa às mãos, segurando um fétido e sujo crânio de bode:

“Seu Souza, onde é que eu ponho: no porta-malas ou no banco de trás?”

“Mas você vai levar essa bosta pra casa?”

“Vou sim, é meu”.

“E pra quê você quer isso?”

“Pra pendurar no quarto. É o meu bodão!”

Preciso dizer o fim da história? Ficou a pé, o Coelho – óbvio.

Noves fora a cabra fúnebre encarando o meu pai, daí por diante, findaram-se as caronas ao perdidão e as coisas voltaram ao normal – que não era exatamente a coisa mais normal do mundo, mas pelo menos era o *nosso normal*. Além do mais, depois desse contato, os meus amigos ficaram todos parecendo uns anjos – e não do tipo decaído, como era o meu satânico e pretense anjo da guarda –, e desconfio que seja justamente esse o motivo pelo qual nunca mais ouvimos falar na expressão “barra pesada” lá em casa, pelo menos não a respeito de minhas companhias. Não éramos assim tão estranhos. Quer dizer, nenhum de nós extrapolava o bom senso diante dessa questão fundamental: quer prestar o seu tributo a Satanás? Então que seja estampando o diabo numa camiseta, mas nunca pendurando um crânio pútrido na parede do quarto.

Afinal, que tipo de animal faria isso?

Ah, sim, um Coelho.

E o resto, bem, o resto é só barulho.

Barulho e história pra bode velho dormir.

AQUELA NOITE EM QUE TOCAMOS NO ARMAZÉM

Isso foi no tempo em que a Daisy Confusa era o arroz de festa do rock n' roll local. Os caras tocavam toda sexta, alternando entre o Paiol e o Armazém, nem que para isso o doutor André Cassias precisasse faltar no seu plantão (tá, tá, esse dado fica na conta do escritor). Vocês sabem – via de regra, pequenas cidades do interior não dispõem de muitas opções de diversão noturna, de modo que tocar no Armazém – o único *pub* de nossa conurbação interestadual – era um sonho de consumo aos músicos aspirantes da cidade, qual um Circo Voador do brejo, ou mesmo um CBGB do cu do mundo. E foi por esses anos que Riomafra ficou tão rocker que até as reuniões evangélicas tocavam Nazareth e, no lugar das tradicionais vaneras, os gaudérios dos CTGs bailavam *riffs* de guitarra (tudo bem que não passavam de um Lynyrd Skynyrd, pra não perder o acento branquelo, *redneck* e sulista).

Daí que a Tangerina Azul, banda que eu tinha formado há pouco com o Pedro e o Leonardo, também entrou na onda de fazer covers do Creedence, porque a criatividade ainda estava algo distante entre nós, mas, mesmo assim, o pessoal da Daisy deixou a gente abrir um show deles – se bem me lembro, pelo intermédio benevolente do Roberto, seu baixista. O Samuel tocou improvisar na bateria, porque o Alessandro, que até então quebrava o galho dos ensaios, tinha várias outras bandas e já estava esgotado, mas também porque não conhecíamos ainda o Adriel, que mais tarde integraria o grupo.

Fizemos um repertório com seis músicas para aquela noite: Deep Purple, The Animals, Pearl Jam, Neil Young e, pra fechar a conta, imagino que algum som dos Beatles e do The Doors. Pois bem, tudo parecia estar rolando às mil maravilhas. O público era o mesmo de sempre – a Daisy Confusa já tinha os seus fieis paroquianos, eu incluso (era sagrado fazer “uh-uh”

com a Tânia em *Sympathy for the devil*) –, mas tinha o pessoal daquela mesa, nada confiável, que veio somente para nos ver, e é aí que mora o perigo: esses caras eram os mais animados de todos. Nosso quinhão da noite já estava quase chegando ao fim – embalado pelo refrão da indefectível *Rockin in a free world* – quando escutei o doce som da liberdade quebrando as vidraças do lugar. Ah, mas claro, adivinhem só de onde é que vinha o estardalhaço porra-louca? Da única mesa que veio justamente para nos prestigiar – óbvio.

Eu nem conhecia todos os rostos que estavam ali. O mesclado trazia uma bandidagem aleatória que se juntou a alguns amigos e outros conhecidos, coisa de momento, mas a piazada delinquente tomou uma overdose de uísque e não tinha como (a)pagar aquele fogo. Então resolveram dar o fora atravessando uma vitrine do boteco. Calcule o escarcéu! Até o Ricetti, que naquela época ainda não era o Indiana Jones bem-sucedido que hoje se tornou, deu também seu vexamezinho, vomitando nas floreiras da frente do bar – quer dizer, foi o horror, o horror.

Depois do show, qual mestre dos magos, o dono do bar apareceu me cobrar pelo estrago. Sim, nós não receberíamos nada, a minha conta estava mais alta do que eu (porque a cerveja do Armazém era cara pra danar), e o homem ainda queria me deixar no preju. Eu disse que não tinha nada a ver com aquilo, portanto, não pagaria um centavo. Contrariado, o dono do estabelecimento disse que tudo bem, mas que eu não pisasse mais no seu bar, quanto mais com a minha banda, aquela facção que atraía uma horda de arruaceiros para lá.

“Aqui dentro vocês não tocam mais”. E nunca mais tocamos, mesmo. Lógico que nem contei ao resto do grupo sobre a conversa, de modo a não desanimar ninguém: estávamos interditados no único bar que, dali a pouquíssimo tempo, restaria para os roqueiros da cidade, pois todos os outros fecharam as portas ou desistiram dessa coisa selvagem que é banda de rock tocando ao vivo. *Rocks off* e o escambau: piscamos os olhos e o sonho acabou.

No outro dia, meus pais me perguntaram como foi a apresentação com os amigos e respondi “uma maravilha, o pessoal curtiu demais”. E tamanha a esclerose da vida que uns e outros que tocaram e beberam comigo naquela noite agora nem recordam mais do ocorrido quase policial – alguns porque deviam estar muito loucos, outros porque fizeram mesmo um esforço para apagar aquilo da memória, os últimos porque jamais pagaram pelos estragos que fizeram ao bar. Mas eu lembro muito bem, e tenho ainda um registro do Rafael Schossig, nosso Sebastião Salgado das noites no teatro mágico, para comprovar que aquela noite não foi somente um sonho ou pesadelo adolescente: que a nossa carruagem era de abóboras, sim, mas eu entrei nela de qualquer jeito e, confesso, nem percebi quando acabou o seu feitiço, porque eu já estava bem pra lá do Bagdá – sim, sim, nalgum boteco ali pros lados da pracinha do correio.

GUERRA SANTA

Barba a gente ainda não tinha, mas, quando fazíamos os covers do Iron Maiden e do Judas Priest, já tirávamos um som quase redondo. Manhã de sábado, pulava da cama e corria pro Campo do Gado fazer barulho em nossa sede oficial de ensaios. Tudo na boa: volume comedido, vocal sobrando sobre as guitarras, e a mãe coruja do vocalista descendo na garagem a cada intervalo, às vezes levando um lanchinho para nos animar. Ai, dona, mas que delícia, que um sanduíche de queijo com presunto era melhor do que qualquer metal. Até no jornalzinho da cidade nós saímos. Sim, os bons garotos deixaram o cabelo crescer, mas Satanás não tinha parte nisso.

Dois meses de banda e um show relâmpago de quatro músicas na feirinha das flores. Tão comportado o nosso som que nem a pétala mais frágil de todo o mostruário conseguimos murchar. Nós ali, em meio ao redemoinho, e os dois cabeludos defronte ao palco – somente a Amanda e o Mateus –, nosso diminuto público cativo batendo cabeça no estacionamento do antigo Weber. Um mundaréu de lírios fedendo a perfume de província. De tão nervoso, perdi minha palheta. Vai lá, seu burro, agora toca o *riff* inteiro no dedão. Tudo em paz, um erro assim a gente esquece, ninguém ali se apercebeu.

Então a mágica do metal aconteceu. Foi coisa rápida, meio no susto, ao tempo de quatro adolescências se queimando. Aqui o baterista trocando umas fitas k7 com o baixista e, escute isso, o som da banda foi ficando mais agressivo. Do outro lado, os guitarristas trocavam ideia e os *riffs* pareciam mais rápidos, melhores de se ouvir. O vocalista meio de lado, deslocado dos nossos anseios, querendo para sempre o mesmo peso de veludo por baixo de sua voz. Se os outros quatro se reuniam do lado de fora da garagem oficial, porém, uma paulada nos tímpanos punha de sobreaviso todo um esquadrão.

Numa casa era o ensaio com lanchinho. Noutra, uma vontade irresistível de sangrar os dedos tocando uma versão acelerada de Black Sabbath. Numa, a *performance* vocal mais impecável. Noutra, os urros de quem lutava para abrir o próprio casulo. Ai, que escolha mais fácil de se fazer! Algum desavisado deu água do Rio Negro para aqueles quatro Gremlins beberem, de modo que agora o bando queria mais é roer todas as pontas da noite brumosa. Aqui ó, todo o mundo escuta essa pedrada – *Holy Wars*, do Megadeth – e tiramos o que der para a semana que virá.

Mas, antes, vinha da FM um reclame sem fim. Ai, que vocal mais rasgado. Ai, que guitarra mais difícil. Ai, que esse baixo é tão barulhento que nem se parece com um som de cordas – dá pra fazer a percussão com o seu grave. Ai, que tupá-tupá mais agressivo – diria mesmo que monstruoso!

Entrementes, o bumbo batia no terceiro *tum* e a bateria escorregava para fora do tapete, doidinha doidinha. Tava na cara que isso é coisa do demônio, invocação de noiva na neblina. Qualé o nome desse inferno? Como assim, estão falando em guerra santa? Então na Igreja não vão mais? Pois se acabaram os lanchinhos! Querem mais presunto? Pois mudem logo de repertório, porque falar de Igreja eu não aceito. O *tumtumtum* começa e os meus ursinhos de pelúcia já saltam suicidas de cima da TV. Ó: tem mais salgado na geladeira, mas só pra quem renunciar aos prazeres do mal. Na minha casa, heresia como essa eu não tolero. Além do mais, aquela outra música romântica era bem melhor.

É só um som, pessoal, a gente corta *Holy Wars* da lista e continua ensaiando lá em casa. Sem chance, irmão, quem tira uma parada assim, tão intrincada de técnica e moral, não desaprende do nada, por imperativo de bom costume. Mas e o lanchinho, quem faz igual? E quem de nós compra a gasosa? Mamãe é parte imprescindível dessa banda, seus ingratos!

Nunca mais o lanchinho, se quer saber. Do outro lado da cidade, em alguma feirinha de flores, os lírios murcharam com

nossos gritos. Foi-se o queijo prato, mas ficou a velocidade rascante daquele *riff*. Foi-se também um vocalista de voz limpa e melódica, mas ficou aquela vontade imensa de derrubar, para além dos ursinhos de pelúcia da sala, todos os muros e paredes da Terra. Foi-se inclusive o nome de nossa banda, que depois renasceu determinada à passagem de um portal, feito um ruído cenobita. Naquele dia, na esquina mais viva de Rio Negro, houve uma festa de metal pesado como se nunca novamente. Sem sanduíche de presunto nem mamãe alguma para controlar o volume. E nunca mais nosso retrato no jornal.

Qual será o nome da nossa nova banda?

Sudden Death parece bom. Bom mesmo.

A garagem era outra, mas o que importava mesmo estava igual. Quer dizer, igual nada – bem melhor! E a bateria dançando para fora do tapete: deixa estar, deixa estar, e cada qual fazendo uma piada com os olhos por detrás do grande sorriso cúmplice. Agora ninguém segura mais a nossa raivosa batida. Nós, os vencedores daquela guerra santa, tornamo-nos enfim uma verdadeira banda de metal. E os tremelicantes ursinhos de pelúcia que ficassem tranquilos, pois já podiam descansar em paz.

UMA ÓPERA JAPONESA

Para Bruno Ópera,
in memoriam

Ele podia ser chato pra cacete, às vezes. Sei disso, ele mesmo sabia – nenhum de nós alimentava a vocação para tapado. Ele podia expulsar a freguesia da lanchonete cantando suas óperas macarrônicas, ou incensar qualquer ambiente com a fumaça açucarada de seu inseparável narguilé, ou sujar a cozinha da casa fazendo algum prato maluco com os ingredientes que encontrasse na dispensa (e, geralmente, ele fazia as três coisas de uma vez só). Mas a sua ópera tinha uma verdade incontornável, mas o seu fumo até me parecia um vício amigável, e a sua verve de cozinheiro – que coisa mais linda ser assim! – o seu lado cozinheiro não deixava ninguém passar fome. Nove fora, o Bruno foi o cara mais louco que já conheci.

Em 2008, ano em que me mudei para Ponta Grossa, eu saía bastante sozinho. Porque não me suportava, provavelmente, e todas as noites me chegavam como um convite ao devir. Então eu fui ao Mad Bar, que naquela época era o ponto de encontro dos sujeitos mais voláteis da cidade, e, por algum motivo, justo nesse dia, o boteco não abriu. Na quadra seguinte, encostei-me num muro para ver se apareciam os bêbados de sempre, ou se o bar não abriria na próxima hora redonda do relógio, e foi assim que o Bruno surgiu. Aparentando estar breaco, com um vinho barato na mão, cantando alguma ópera bufona.

Ele se encostou ao meu lado e, como fazia sempre, cantou. Cantou muito, até se cansar. Então me disse assim, a sério: que sabia cantar em todas as línguas do mundo, que eu escolhesse o idioma e ele me provaria o dito. Uma lorota daquelas, é evidente, mas que não soava agressiva ou traiçoeira saindo de

sua boca. Eu sabia que era besteira, claro, e ele sabia que eu sabia que era besteira, então estávamos conversados. Mas, como eu ainda não conhecia a peça, para testá-lo, pedi que cantasse uma ópera japonesa. O cara tomou um fôlego teatral e, com seu peito largo e truncado completamente estufado, despejou sobre mim uma ópera ridícula, imitando a dicção de um japonês. Quando terminou, demos umas boas risadas – não tanto quanto poderíamos, pois eu ainda estava sóbrio, mas ri com ele daquilo – e, a partir dali, tive certeza de que ficaríamos amigos.

Fregueses do mesmo bar, obviamente que devíamos conhecer algumas pessoas em comum. Quem funcionou como um elo, selando a simpatia boêmia e a cumplicidade de pinel, foi nosso amigo Roberto Pocai que, como eu, fazia o curso de História, e de quem eu me aproximara por aqueles dias (Bruno fazia agronomia, o que só aumentava a peculiaridade do seu perfil). Juntos, nós formamos uma espécie de trio quixotesco, cada um defendendo a seu modo o outro lado da razão, e colecionamos uma porção de histórias que agora parecem impossíveis, especialmente pela atuação do Bruno, que era um cara raro, muito raro. Daí que, quando me lembro dessa época, há sempre essa aura onírica permeando as lembranças, como se tudo aquilo fosse tão avesso à miséria que o mundo às vezes revela que eu só pudesse estar inventando esses amigos desvairados e as coisas que com eles eu vivi. Foram anos de muita experiência e aprendizado – um tempo em que, pelo contraste, aprendi o valor de uma vida mais regrada, mas também a necessidade fundamental de uma brasa sempre acesa ao coração. “Nós não podemos abrir mão da loucura”, o Bruno dizia, quando sentia que eu estava me cansando das preseparadas de sempre.

Bruno, o Tenor, o famoso Bruno Ópera da noite princesina, o cara que misturava os cafundós de Irati com uma Itália mítica e se julgava uma espécie de camponês lírico, deixou-nos em 2011, vítima de meningite. Quando recebi a notícia da sua morte, meu amigo já estava sendo velado e não dava

mais tempo de ir vê-lo pela última vez. Sei que ele não ligaria para isso. De confissão religiosa absolutamente íntima, meu amigo chegou a morar numa Igreja Ortodoxa – onde era o caseiro e fazia pães e *focaccias* deliciosas no antigo forno de pedra do lugar –, mas não tinha nada de dogmático: falava de Deus como quem fala de um amigo querido – como eu mesmo faço agora, ao lembrar algumas das facetas mais bonitas de Bruno e, por isso, onde quer que ele esteja, como quer que esteja, se ele estiver, jamais julgará o seu amigo por essa falta. O tempo que dividimos valeu muito mais. E eu o amei exatamente como ele era: transbordante e misterioso ao mesmo tempo, de uma extravagância paradoxalmente tímida. Tímida porque, embora frequentasse minha casa toda semana, quase não me falava das coisas que o afligiam no fundo da alma. Não precisava. Eu o entendia, sempre o entendi. Compreendia perfeitamente o que ele sentia quando colocava uma música do Andrea Bocelli para tocar no rádio. Ou ainda quando surgia entre nós algum silêncio – privilégio para poucos, pois perto dele a vida era sempre uma festa. E mesmo que a maior parte das pessoas não suportasse o seu ritmo frenético, ele fazia, ele sempre fazia a sua festa.

Não sou um sujeito muito dado às fotografias. Do Bruno, sobrou-me apenas um registro, lembrança de uma janta que fez na casa da Ligia, hoje minha esposa. Naquele momento, meu namoro com ela era recente e o Bruno queria causar boa impressão. Sem dinheiro, fez uma sardinha para nós. Simplória, mas saborosa, como sempre. O Tenor era um cara de coração imenso. Ao falar do meu amigo, porém, pouco me importa se ele foi de fato uma “boa pessoa”, se tinha as qualidades que geralmente se frisam no caráter de um ente falecido. Isso nunca foi o motivo de nossa amizade, afinal, o mundo está abarrotado de boa gente, basta que você procure. O que sempre me encantou nesse biruta, no entanto, foi a sua autenticidade. Havia nele uma verdade muito forte, inabalável, impossível de se ocultar.

Num mundo tão cheio de falsidades, construído sobre

conveniências apodrecidas, gosto de me lembrar do Bruno assim: como o sujeito mais autêntico que já conheci. E isso é tanto, mas tanto, que estou aqui, quase dez anos depois da sua partida, dizendo uma vez mais da falta que ele faz. Se ele pode me escutar, não sei, mas queria que soubesse (e nesse gesto faço jus ao nosso combinado) que continuo apostando nessa loucura que o movia; que continuamos em festa aqui dentro, no que sinto e no que invisto, e a vida pode até nos pisotear por sermos assim, um pouco deslocados do óbvio – por não levarmos as regras e crueldades da sobrevivência tão a sério –, mas continuaremos insistindo. Porque toda noite, pelas esquinas do mundo, ouço ainda a sua voz rompendo o lacre do possível. Porque quando me sinto vazio, perdido das coisas, desligado do que acredito, posso sempre cantar a sua ópera japonesa. E canto com a voz que tenho. E ela ecoa cada vez mais.

AGORA RIO COM VOCÊ

A crescente polarização política de que nós, os brasileiros, parecemos ser as maiores cobaias universais, habituou-nos não apenas à narrativa do dissenso familiar, como também ao rompimento dos convívios. Atormentado pelo efeito das redes sociais, não consigo aceitar tão nefastas circunstâncias. É que meu pai, a quem amo, admiro e respeito, defendeu sempre umas ideias que, quando mais novo, eu julgava atrasadas, deslocadas do presente. Ao contrário, porém, elas eram bem o fruto do seu tempo e lugar, mas isso eu só fui compreender muito mais tarde. Por isso, a gente vivia brigando e falando besteiras um ao outro na mesa, estragando o almoço em família, para a desgraça de minha mãe, que ficava a uns passos de distância, tentando não tomar partido nos eternos conflitos de pai e filho.

Com o passar dos anos – talvez em virtude de um tácito compromisso genético –, cada vez mais nítido me parecia o fato de que, quando vistas de perto, nossas diferenças abissais eram quase nada. E que, diante de semelhanças tão profundas, era tolice guardar mágoa pelo que parecia apenas um efeito da inexorável passagem do tempo (avassaladora, a sua marcha seguia modificando as vestes e valores e costumes de nossa família, por mais resistente que ela fosse às novidades). Então, sem muito alarde, fui descobrindo o meu pai em cada um dos meus gestos, em cada gosto, em cada vontade que me seguia, em cada uma das palavras que saíam da minha boca. E, cada dia mais, aceitava que envelhecer fosse retornar ao ponto onde o pai parou, o que o pai guardou para mim. E nessa cisma vou lutando com os meus fantasmas, cada vez mais parecido com ele, o meu velho, mesmo quando me obrigo a tomar o rumo contrário. E por ser a referência absoluta, o exemplo do pai parece se infiltrar em tudo: mesmo quando o intuito está cravado na diferença. Herói e anti-herói ao mesmo tempo, foi ele quem

me ensinou da coragem e do medo. Evidentemente, o meu velho é, de longe, o meu grande, o meu melhor amigo.

Lá em casa, nunca fomos muito bons na confiança dos sentimentos uns para os outros. Talvez por isso transbordássemos o tempo todo: pelos risos, pelas lágrimas, pelo silêncio que palpitava de confissões. Um dia, o pai e eu nos embriagamos a valer e, num momento de catarse, o velho disse meio assim, quase sem querer: “te amo, filho”. No interminável segundo seguinte, nós dois baixamos os olhos, procurando esconderijo. Deus! É que a gente jamais aprendeu a dizer o óbvio – e como dói!

Com a timidez e a solidão dos homens ancestrais, evitando o seu olhar, abracei-o emocionado e, sei bem que o velho partilhava o meu segredo, ambos sentimos um alívio imenso, feito se a tarefa de uma vida inteira tivesse sido cumprida ali, naquele exato momento, num estalo e de uma só vez. Às vezes, é preciso viver tudo, até as últimas consequências, e gastar todas as balas do cartucho para poder dizer aquilo que é tão simples – o que está conosco desde o início. Por ironia do destino, pode que o pai nem mesmo guarde a lembrança desse acontecimento feliz. De todo modo, nós dois sabemos aquilo que o seu coração militar camufla e, para mim, isso é bem mais que suficiente.

Não fosse o fato de que, caramba!, fiquei devendo uma recíproca. Se o velho tiver muita biritá na geladeira, firmo aqui meu compromisso: pago essa dívida num futuro dia dos pais. De repente, expulso alguns fantasmas e crio coragem para dizer a ele que, agora, sendo pai também, meu maior desejo na vida é conseguir ser pelo menos a sombra daquilo que, em todos esses anos, ele foi para mim. Herói, anti-herói: o mito em carne e osso, que me carregou na garupa por todas as tardes idílicas em que eu resmungava a vontade de saber como era o mundo para o lado de lá dos muros da casa.

Posso voltar ainda? Algum dia realmente saí?

Não sei, não sei, mas já não tenho mais medo de discutir à mesa com meu pai. Já entendemos, um e outro, que o tempo

nos deformou, e disso carregamos pouca culpa. Nessa relação, se ficou algum peso às minhas costas, somente esse: o de me bater na vã tentativa de, sendo outro, querer ser exatamente como ele é. Só que meu pai é o verdadeiro, e eu sou apenas essa encenação, esse delírio, essa montagem falsa da sua personagem. E ele me vê e sabe que eu quero, mas não consigo. E é por isso que meu pai me ama. E que eu amo o meu pai, mesmo quando abrimos guerra à mesa de jantar. E também por isso que alguns sonhos se perdem logo à largada. Impossível voltar no tempo, é o que o espelho me diz quando, penteando meus longos e impróprios cabelos, lembro o meu pai dizendo, lá atrás, em algum lugar perto do fim da minha infância, que homem que é homem só usa o cabelo curto, como militar, ao que reagi da única forma que me era permitida: deixando as madeixas crescerem.

Diferenças – pólos opostos de um mesmo ímã, brigas eternas entre ontem e depois. Elas continuam, é claro, e talvez hoje o velho me entenda ainda menos. Isso me faz pensar em sua pergunta mais recente, quando ele expressou uma última incompreensão: qual é a graça dessa coisa de ler e escrever literatura? Obviamente, a pergunta era retórica, posta minha notória incapacidade para respondê-la. Confesso, porém, que o vazio da questão me motiva a escrever mais e mais, para que assim, quem sabe, um dia, lendo alguma coisa qualquer que eu tenha escrito, o pai entenda que vivemos ambos, eu e ele, na terceira margem do rio. E que por isso já não tenho medo de ficar longe do seu abraço. Tomaremos todas, juntos, enquanto o rio não nos levar. Rio adentro, rio afora: no nada das coisas que não entendemos um no outro. Agora rio com você. Pois o meu velho é foda demais.

ECCE HOMO

QUEM SOU EU

Natural de Rio Negro, Paraná, nasci no ano de 1989, às margens do rio que batiza a cidade. Criado por lobos em um vilarejo ribeirinho, desde cedo senti a brasa da solidão mais intensa fumejando o meu peito, buscando, por isso, um lugar propício para exercer a minha diferença, o que finalmente encontrei nas estepes do segundo planalto, na região dos Campos Gerais. Antes, porém, aprendi com a matilha a elegância do uivo perfeito, o que foi crucial para o encontro com a escrita.

Em virtude de minha alfabetização tardia, finalizada somente aos catorze anos, demorei muito para chegar aos primeiros poemas. Aos dezesseis, criei meu primeiro blogue, o hoje cultuado *Por que eu escrevo poemas tão bons*. Desde seu título, vê-se claramente a influência nietzscheana em minha obra, que alguns críticos comparam em força, contundência e beleza com a do filósofo alemão.

De 97 a 2007, finalmente adotado por uma família de humanos, tive uma vida mediana, custeada pelos pais. Após minha mudança para Ponta Grossa, tive brevíssima passagem pelo Conservatório Maestro Paulindo que, mais tarde, por ocasião de uma arbitrária mudança de nomenclatura e registro, me implicaria em problemas com a justiça, numa desavença trabalhista com uma tradicional boate local, onde tive efêmera atuação como DJ. Processado por um famoso jornalista pontagrossense, gastei o que não tinha com advogados, mas fui salvo da falência econômica por meu primeiro prêmio literário nacional: vencedor do Concurso Ayrton Senna de Poesia, de Itapetininga, pude não somente quitar minhas dívidas com a justiça, como também realizar um sonho antigo, retirando um ano sabático na Bahia, para fins de aprimoramento das práticas ocultas. Morando em Salvador, tive a honra de participar do I Encontro Místico da Rosa Cruz dos Últimos Dias, com carga horária logosófica de

catorze horas, debatendo assuntos pertinentes à energia sexual das joaninhas. Foi justamente nesse período que escrevi o primeiro livro (*Por que ninguém resiste ao meu olhar de peixe-morto* – Cia. Das Letras, no prelo), até hoje inédito, em virtude de seu teor bombástico – classificado pelos editores como excessivamente incorreto para os padrões puritanos da academia e da família brasileira, quiçá americana, quiçá universal.

Em 2008, de volta à Ponta Grossa, ingressei no curso de História, período em que vivenciei uma desagradável experiência com paparazzis, fotografado nu e sujo de barro em um congresso de estudantes da UFSC. Embora irrelevante, o fato afastou muitos dos meus seguidores, que viram no gesto uma suposta aproximação com o mercado. Também nesse tempo me dediquei à escrita do segundo livro, o primeiro a ser publicado: trata-se do romance *O Intruso* que, lançado em 2013, rendeu-me todos os prêmios literários possíveis daquele ano, além de uma gorda poupança e o status de pensador na imprensa tupiniquim. É deste período minha emblemática participação no debate de notáveis da TV Câmara, quando urinei acidentalmente sobre o filósofo Olavo de Carvalho.

Dinheiro, fama, prestígio. Nada disso me fez encontrar a felicidade verdadeira. Mande tudo às favas: cansado da falsidade dos famosos e sentindo minhas energias sexuais completamente exauridas, mudei-me para um sítio isolado em Antonina, Paraná, sem internet nem TV a cabo, onde usei todas as drogas que o campo é capaz de produzir. Depois disso, fui internado por engano em uma clínica evangélica de reabilitação, limpei-me, tive algumas recaídas e, finalmente, encontrei a luz no fim do túnel ficando doidão com Cristo num terreiro de Santo Daime. Lamentavelmente, minha melhor fase foi interrompida por um acontecimento absolutamente injusto e inexplicável: após o assassinio de um pescador em Superagui, novamente por um engano policial, passei treze dias no presídio de Piraquara, onde quase morri nas mãos de um estripador que, por sorte, era fã do Slayer, como eu, e, por isso, acabamos amigos.

Engana-se, porém, quem imagina que minha passagem pelo presídio foi marcada somente pelo grotesco: foi lá, igualmente, que conheci o milionário Nergal Abdalah, ex-deputado federal pelo Partido da Frente Liberal, um velho *hare krishna* muito influente que, simpatizando com minhas ideias, pagou minha fiança e me levou para conhecer o Nepal. Em minha mística estadia, tornei-me um orientalista de carteirinha, praticando yoga todos os dias, devido ao que, após meu retorno a Ponta Grossa, conheci a Ligia, minha esposa, em uma aula de Swasthya Yoga (método De Rose). Em 2014, tivemos a Maitê, nossa primeira filha, e resolvi voltar às origens para garantir mais tempo junto dela, criando um novo blogue, o *Por que meu segundo livro é e será tão importante*. Ao final daquele mesmo ano, todos os prêmios literários da comunidade lusófona foram destinados a *Conexões Perigosas*, meu segundo romance publicado.

De 2015 a 2016, buscando fugir do assédio dos fãs, mudei-me com a família para uma modesta casa de praia em Fernando de Noronha. Logo cansados da maresia, retornamos a Ponta Grossa em 2017, quando publiquei os poemas de *Travessia* e me especializei de forma autodidata em teosofia logosófica dos fluidos aplicados, área em que venho atuando há pelo menos 15 anos (ver canal do YouTube – classificação indicativa de 18 anos). Em 2018, publiquei os poemas de *Anjo Voraz* e, no tempo livre, aprendi o javanês. Autor de uma dezena de livros premiados, acadêmico laureado e marido exemplar, recentemente, tive a honra de ser o primeiro pedestre a receber uma “benção dos carros”, pelo que me foram entregues as chaves da cidade junto à Câmara Municipal de Ponta Grossa. Apesar de tudo, luto bravamente contra o narcisismo e a vaidade fazendo visitas regulares ao Lar dos Idosos do município, onde não conheço ninguém (o que é importante destacar) – prova incontestante de que continuo o mesmo: um cara simples, sensível e bem-humorado. Meu uivo ainda é ouvido pela vizinhança do bairro Jardim Carvalho, onde me sento com regular frequência sobre muretas da vizinhança a fim de apreciar as miudezas e os grandes feitos da vida do homem comum.

